

Jorge Tufic

O SONHO DE TIBÉRIO

CRÔNICAS

Coleção Pensamento Amazônico
Serie Violeta Branca - v. 3

Manaus - AM

2011



O sonho de Tibério

Crônicas



DIRETORIA DA AAL
BIÊNIO 2010/2011

Presidente
José dos Santos Pereira Braga

Vice-Presidente
Tenório Nunes Telles de Menezes

Secretário-Geral
Almir Diniz de Carvalho

Secretário-Geral Adjunto
Carmem Nóvoa Silva

Tesoureiro-Adjunto
Abrahim Sena Baze

Diretor de Patrimônio
Moacir Couto de Andrade

Diretor de Eventos
Cláudio do Carmo Chaves

Diretor de Edições
Marcus Luiz Barroso Barros

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
Avenida Ramos Ferreira, 1.009
Cep 69010-120
Centro - Manaus - AM

JORGE TUFIC

Membro da Academia Amazonense de Letras

O sonho de Tibério

Crônicas

Coleção Pensamento Amazônico
Série Violeta Branca – v. 3



Manaus – Am
2011

Copyright © 2011 Academia Amazonense de Letras.

Editor
Marcus Barros

Comissão Editorial
Luiz Maximino Corrêa
Márcio Souza
Euler Ribeiro

Revisão
Benayas Inácio Pereira

Editoração eletrônica e capa
Marcela Costa de Souza

Ficha Catalográfica

Tufic, Jorge.

O sonho de Tibério - Crônicas. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2011.

140 p. (Coleção Pensamento Amazônico. Série Violeta Branca. v.3)

ISBN: 978-85-64341-03-6

1. Literatura Brasileira (Amazonas) I. Título Tufic, Jorge.

CDD 342.56 (811.3)

Pensamento Amazônico

Certa vez, e já se vai aí um bom tempo, perguntaram a Fernando Freyre, então presidente da Fundação Joaquim Nabuco, prestigiosa instituição cultural e de pesquisa sediada no Recife, por que nos retratos de seu fundador Gilberto Freyre, autor de Casa-Grande e Senzala e centenas de livros igualmente monumentais sobre os brasis, sua cultura e sua gente, por que nos seus retratos espalhados em vários centros de cultura do País não constava o ano de sua morte, mas, tão somente, a data do nascimento. E Fernando respondeu ao desavisado interlocutor: porque Gilberto Freyre não morreu e não morrerá nunca! Na resposta, não apenas o sentimento de amor filial, a admiração pela figura extraordinária de um dos maiores pensadores do País, mas o verdadeiro e inequívoco sentimento da imortalidade nas letras, a imortalidade do pensamento.

É certo que não só através da palavra os mortais podem passar à posteridade, tão significativos e ilimitados são os fazeres e as formas de expressão da inteligência criadora do homem. Mas, por meio da palavra que nos singulariza como seres racionais existentes, tem o homem a possibilidade de ultrapassar-se e manter-se presente no mundo além dos limites e contingências de sua efêmera existência material.

Vocação das academias de letras, a palavra é o seu próprio ofício. Por meio da palavra, das letras, é que se consagra a imortalidade acadêmica. Por isso, o livro foi e será sempre condição de existência das academias, sua própria razão de existir. Grande é o acervo de obras da Academia Amazonense de Letras nos mais variados campos do conhecimento e da erudição humana, nestas nove

décadas de existência. Ontem, como hoje, o infatigável e profícuo labor acadêmico!

Na persecução das suas finalidades e para assistir aos imortais na persistente vigília, lança-se a Academia Amazonense de Letras a uma nova empreitada no campo editorial, em parceria com as secretarias de Cultura do Estado e do município, através da *Coleção Pensamento Amazônico* com duas séries para contemplar os saberes que dialogam nesta Casa: *Série Violeta Branca*, reunindo poesia, conto, crônica, romance, e *Série André Araújo* destinada aos ensaios no amplíssimo campo do conhecimento científico. A exemplo da Academia Brasileira de Letras, nossas edições terão selo próprio, assegurando-se, desta forma, maior dinamismo nas publicações.

Acostumados ao diálogo com o poeta, pode-se pensar que na prosa vamos encontrar um escritor diferente. Mas não. "O Sonho de Tibério", livro de crônicas de Jorge Tufic, não nos priva da sua sensibilidade poética e do esmero no artesanato da palavra. Um reencontro feliz com o cronista que, em 1957 nos legara "Tio José", jamais deixando de cultivar na imprensa de Manaus e há duas décadas em Fortaleza, esse gênero literário.

Ao editar as crônicas de Jorge Tufic, a Academia prossegue no cumprimento de uma de suas missões mais importantes: estimular e apoiar a produção acadêmica, divulgá-la e preservá-la, colocando-a ao alcance dos leitores de hoje e das gerações futuras.

José Braga


Presidente da Academia Amazonense de Letras



Sumário

- 13 ALENCAR, FORTALEZA E A MORTE FRANCISCANA
- 16 CINCO FRAGMENTOS
- 19 DOIS GRANDES LIVROS
- 21 FUTEBOL
- 23 LEITURA & REFLEXÃO
- 25 LETRAS & FANTASMAS
- 26 O DIA DA AVE
- 28 O SONHO DE TIBÉRIO
- 30 UM EX-PREFÁCIO DO DESESPERO
- 32 A INILUDÍVEL
- 34 A PASTA
- 36 A QUEDA
- 38 A SANTA PALESTINA
- 40 A VIDA E AS CARTAS
- 43 AGENDA
- 44 ALF LAYLA U LAYLA
- 46 AMAZÔNIA I
- 48 ANTIGUALHAS
- 50 AO REDOR DA FOGUEIRA
- 52 APELAÇÃO CÍVIL
- 54 AS CARAVANAS I E II
- 56 AS FONTES PRECÍPUAS DA ARTE, DO BEM E DO MAL

- 
- 59 ATÉ ONDE CHEGAR É PARTIR
61 BERNARD, O ANTIFILÓSOFO
62 DA VELHICE E DA MORTE
64 DE REPENTE, O QUINTAL
66 DIÁRIO DO APRENDIZ
68 ELSON FARIAS, POETA E MEMORIALISTA
70 EPISTOLOGRAFIA
72 EU, NASRUDIN
74 FILOSOFIA
75 FORTUNAS
76 FRAGMENTO III
78 GAMBIARRA
80 GLÓRIA, 90
82 HOJE É HOJE E SÓ HOJE
83 JESUS, O MÉDICO-MESTRE
85 LEMBRANÇAS DA SERRA DO LUAR
87 LEMBRANÇAS DE FERREIRA DE CASTRO
89 MÃE D' AGUA
91 MAMEDE, O DERVICHE
93 MANÉ GARRINCHA
96 MÚSICA
97 O ANO DE 2006
99 O BUSTO DE MANUEL BANDEIRA
101 O DILÚVIO DOS TUKÃO
103 O IDIOMA, A HISTÓRIA

- 
- 104 O INCA
- 106 O PÂNICO TARDIO
- 108 O SOL NASCE NO ACRE
- 110 OS CEGOS E O ELEFANTE
- 113 OS DADOS PERDIDOS
- 115 OS INTRUSOS
- 117 OS MOMENTOS SUPREMOS
- 120 OSCAR WILDE
- 122 OUTRAS LEMBRANÇAS
- 124 PRACIFESTO LÍRICO
- 126 REFLEXÕES CATASTRÓFICAS
- 128 TUDO PARECE MAIS FÁCIL
- 130 UM OUTRO SONHO DE KUROSAWA
- 131 UMA CERTA ARAGEM
- 132 VARANDA DE PÁSSAROS: 50 ANOS
- 134 VARIAÇÕES DO POÉTICO
- 136 AINDA O CLUBE
- 138 VELEJAR
- 140 BIOGRAFIA DO AUTOR

**ALENCAR,
FORTALEZA E A
MORTE
FRANCISCANA**

Entre os índios que formavam na comissão recepcionada em Paris, a 12 de abril de 1613, estavam tupinambás, um tabajara, um outro do Amazonas, além de um jovem de nome Itapucu, das serras de Ibiapaba. Vários acometidos de doenças respiratórias, devido à mudança de clima, teriam sucumbido. O certo, porém, é que eram seis os nativos ou principais: “três vinham do Maranhão, o tabajara era originário de terra firme, o quinto, da região amazônica, e o sexto da serra de Ibiapaba, ou seja, representavam todos os povos, do Amazonas à fronteira do Ceará, que La Ravardière havia reconhecido e desejava agrupar numa colônia francesa. Eram, de fato, embaixadores” (Pianzola, Maurice, 1992).

Lembrei-me de achar esses dados frente à surpresa de receber o belo volume *Iracéma, Légende du Ceará*, edição dos 140 anos do romance de José de Alencar, cuja organização primorosa reluz por conta de Ângela Gutiérrez e Sânzio de Azevedo. Trata-se, no caso, da reprodução fac-similar da edição francesa de 1928, devidamente abonada pela competência analítica de José Aderaldo Castelo, René Barreira, Lúcio e Beatriz Alcântara, dos pró-

prios organizadores, incluso sonetos de autoria do poeta Virgílio Maia, mantendo-se, na íntegra, o texto preliminar.

A França Equinocial, com o Maranhão, sede do Governo de La Ravardière, bem no final do Nordeste, toda essa história de um Brasil que ainda não era Brasil, mas um vasto território disputado pelas três mais importantes bandeiras da época – Portugal, França e Holanda, sem falar da Inglaterra – traz-me à reflexão, sobretudo, o carinho dos nobres oficiais da Armada de Luís XIII, rei da França, pelos ameríndios da terra conquistada, a ponto de os levarem a lotar os conventos de Paris, receber nomes franceses na pia batismal, casarem com mulheres francesas.

Como resgatar o discurso do índio Itapucu, o Jacopo, escolhido por Razilly para chegar até o rei? Quem, senão ele, terá tido a coragem de fabular sobre a causa dos autóctones do verde País das Iaras, dominado e ocupado, agora, pelas armas e pela usura dos estrangeiros?

A resposta não fica apenas no amor aos papagaios nem ao pau-brasil; nem, tampouco, à vaga expectativa do El Dorado amazônico, muito mais longínquo do que as riquezas dos aztecas, dos incas e dos maias. Para os franceses, que de resto não acreditavam na utopia do deus lacustre, o povoamento do Norte brasileiro tinha mais a ver com o aroma silvestre da inocência primitiva, a que tanto se sentiam atraídos, do que mesmo ao empenho de afrontar e derrotar o Outro, sem dúvida uma entidade suspeita, a menos que ela mostrasse a cara aos seus adversários comuns. A par disso, é claro, os objetivos econômicos do colonizador jamais poderiam ser diferentes.

Daí a simpatia gaulesa pelo lendário cearense, através de Alencar, e com especialidade de Iracema, incluir-se nesta assertiva. Quantas obras de cunho científico não teriam sido imoladas para que houvesse a tradução de *Iracema* no idioma de La Fontaine? E olhem: 1928. Quando tudo era importado da Europa, inclusive o dadaísmo, o surrealismo, entre outros mais.

Duzentos e oitenta anos nos separam daquele Forte de 1726. E, logo mais, em 2013, já estaremos a 400 anos daqueles pobres índios, embaixadores do futuro, a maioria dos quais, segundo o cronista, morreu de infecção e foi sepultada vestindo a batina dos franciscanos. A batina, essa, que ainda hoje veste os humildes “patrulheiros” do sertão inóspito, mas ainda cheio das vozes que habitam os livros de Alencar. As aquarelas de Côca Torquato completam a obra, um marco, sem dúvida, na história contemporânea da literatura cearense.

CINCO FRAGMENTOS

*P*ois bem, sr. Paul Ehrlich: não sou malthusiano, embora acredite que a explosão demográfica possa também ser chamada de Bomba Populacional, tudo porque, no meu fraco sentir, o monstruoso capitalismo nunca produz ou assegura espaço físico útil para aqueles que nascem ou estão a caminho. É claro que outras premonições enriquecem a teoria dos demógrafos, e, assim, tenhamos ou não gente em demasia para comer, o fim do planeta Terra já não depende tanto de sua capacidade de suprir de alimentos ou poder sustentar o peso do gênero humano: a radiação e o degelo, entre outros flagelos ajudados pelo homem, além de fatores que somente depois, muitíssimo depois, poderão ser detectados, costuram o pacote final de nosso triste adeus ao paraíso do milho e da pitanga.

II

Aos olhos murchos da Esfinge de Gizé, a poeira do deserto se aglomera em torno do esquecimento. Afinal, o que são estes formatos calcários no torvelinho de 4.500 anos? Ouve-se, portanto, o sussurro enigmático que se imagina despren-

der-se dos lábios dessa guardiã do planalto sagrado, a voz, talvez, do poderoso Quéfren, o faraó que a mandara construir, de cuja ordem uma parcela considerável de rochas se transforma no engenho da escultura.

Seria esta a representação mais viva de uma pedra que sente, fala e transmite recados de alcance ainda muito remoto para o caminhante solitário. Mas há os que a ouvem. E salvam-se.

III

Quem nasceu primeiro: o soneto ou a Nasa?

Num excesso de vaidade poética, quis eu que o primeiro tivesse mais tecnologia do que todo esse artefato espacial que nos aturde, desde que o homem conseguiu pisar no território noturno do poeta Alencar e Silva, ou seja, a Lua.

Ora, o soneto tira tudo do coração das palavras. E a ciência? E a tecnologia?

Ainda hoje, bastante defasadas diante da poesia, elas roubam de pobres borboletas tecidos que ficam coloridos apenas com o jogo da luz do ambiente natural: cores sem tinta, privilégio da natureza.

IV

Façam o que fizerem os costureiros de bestas-seladas (a mídia do objeto verbal), nada vai mudar na essência e na forma da boa literatura.

O clássico “sebo” de livros faz-se de termômetro indesmentível dessa verdade: depois da febre ou da ilusão publicitária, abundam, ali, títulos antes proibitivos e distantes até de nosso tato, expostos em vitrines de luxo.

Os melhores, os grandes, embora modestos, nunca estão no “sebo”. Por exemplo: Ariano Suassuna, entre outros.

É que os medíocres afinam melhor com a situação de um Brasil como o nosso, sempre em busca de facilidades, muito ágil nos golpes de surpresa, mas tardo e tolo quando é chamado a dizer como se chama.

— Besta-selada.

V

Se poesia ainda hoje não tem como se definir ou ser definida, salvo por tentativas que mais acentuam a multiplicidade do fenômeno, é óbvio que ela pode manifestar-se através de outras artes, ou delas valer-se para sua manifestação. O certo é que: nada sem poesia fica ou permanece. Um bom pintor é, sobretudo, poeta, e assim por diante.

Uma coisa, porém, é verdade verdadeira: as palavras têm todos os poderes da imagem, daí porque, ao contrário do que uma frase feita pretende transmitir, um milhão de imagens, acompanhadas de sons e coloridos virtuais, não pode dizer tanto quanto este único verso-poema de Giuseppe Ungarete:

M'illumino d'imenso

DOIS
GRANDES
LIVROS

Deixei pra lá as veleidades de crítico literário em favor total das libações estéticas da leitura, esteja ela em prosa ou em verso. De preferência a leitura de textos ou construções poéticas que chegam a dispensar a letra do alfabeto pelos arranjos gráficos, etc.

Daí porque, ao dobrar a última página da novela *A Cabeça do Peregrino*, enquanto retorno ao *conto, não-conto & outras inquietações*, ambos livros de autoria de Adrino Aragão, nenhuma outra ideia ousara interromper esse projeto, ou seja, o de continuar nesse ritmo, que até parece ir além das pautas em branco, entre as linhas estáveis da escritura.

São dois livros realmente prontos, maduros, na aparência a tratarem de assuntos antípodas – a polêmica história da Guerra de Canudos e a postura do conto em sua máxima diversidade temática e metalinguística – mas que logo se encontram na apoteose do estilo agradável, da fuga ao prosaico. Ressalte-se, ainda, o toque especulativo em direção à tese proposta.

Afinal, quem conta o quê? Um conto precisa de história? Sherazade, Nasrudin, Guimarães Rosa, cada qual em

sua praia, sempre foram e ainda são o que são pela narrativa de sonhos e exemplos de sabedoria ou meritórias audácias no campo das inovações sintáticas etc. Algo interior, pioneiro e forte, sacode as ondas de seu tempo, avança o poder da metáfora, pois nada mais se define como regra: ampliam-se, também, os mares da palavra.

Tudo para dizer ao Adrino que li, e ainda vou reler os livros citados, com muito carinho e devoção. Parabéns.

FUTEBOL

É estranha a ideia de que o futebol foi uma invenção dos ingleses. Que o diga De La Condamine, sábio francês que, no século XVII, numa viagem de estudos pelos rios do Amazonas, ali se depara com um desses jogos com bolas de sernambi (borracha inferior). Eram índios Cambebas do Alto Solimões que jogavam entre si, mas o aspecto do terreno parecia de um campo destinado a outros tipos de lazer, talvez muito mais abrangentes.

Do leite coagulado das seringueiras, além da bola comum, fabricavam eles “sacos, vasilhas para líquidos e seringas que, acopladas em cânulas, serviam para a aplicação de clisteres”. (*Biografia da Borracha*, João Nogueira da Mata, 1978).

Séculos após, esses mesmos ingleses conseguem montar o roubo das sementes de héveas, com os requintes inéditos de um drama que se movimenta entre as águas fluviais e marítimas, cujo objetivo centrava-se numa luta desesperadora contra o tempo: as sementes eram vulneráveis ao calor e à umidade. No entanto, mostrar-se-iam, depois, altamente favoráveis ao seu novo hábitat.

Ora, o látex e a bola chegaram por lá numa altura em que o futebol, no

Amazonas, e, quem sabe, na América do Sul, já tinha as suas “copas” tribais do tamanho, apenas, de uma inocente diversão antes de um banho de rio.

Na Europa, as bolas ainda eram feitas de madeira, ferro ou sabão. Fora disso, qualquer desafio às leis da gravidade podia dar fogueira.

A paciência de De La Condamine em comunicar a visão dos Omáguas, todos aqueles nativos em torno de um objeto que batia na terra, e, em seguida, abalava-se para as nuvens, congela os achados da pesquisa em favor da inteligência.

E, como nem os Cambebas e nem a borracha da Amazônia podem ser gente ou influenciar no progresso, o futebol também é dos ingleses. Antes, o mundo não existia.

LEITURA & REFLEXÃO

Ensaios como este de Flávio R. Kothe (Boletim ANE, março/abril de 2006), obrigam, sim, a uma nova leitura complementar, além da primeira, sem a qual a imagem e o conceito abordados como tema ficariam à deriva ou, caso subentendidos, expostos aos mesmos equívocos da “esconjura” diante da verdade.

O texto, embora longo, é uma pura síntese. E síntese, para mim, é sempre o resultado de uma dilatada experiência posta a serviço da linguagem, mas tanto quanto possível isento de citações e do ranço das bibliografias de fim de papo.

A técnica do autor é outro privilégio, ao intentar-se localizar a chave do problema, ou a síntese da síntese antes do último parágrafo. Mas, em alguns deles já se desvelam as contradições, como na parábola literária.

Torna-se, pois, difícil transcrever qualquer trecho do ensaio, mas este, a seguir, é bem ilustrativo: “Quando se escreve o símbolo matemático de infinito, tem-se uma finitização do infinito, portanto, uma falsificação básica. O sujeito pode percorrer o espaço interno do sinal infindáveis vezes, mas ele fará esse percurso sempre dentro de uma finitude. Esta não será,

portanto, o que ela quer dizer. O significado não corresponde ao significante; pelo contrário, é sua traição radical. Assim, de pouco adianta achar que se terá maior abertura numa universidade caso se construa o seu prédio central na forma do símbolo matemático do infinito, por maior que seja a repercussão arquitetônica disso”.

Refletir, é pouco.

LETRAS & FANTASMAS

Nenhuma diferença possível entre os mínimos insetos que devoram bibliotecas, e aqueles entes que, após o trespassse do ilustre bibliófilo, leiloam o acervo da viúva.

Tanto estes quanto aqueles, divididos em centenas e milhares, “digerem” ou apenas conduzem a fortuna bibliográfica para onde quer que ela possa interessar aos leitores de cada época.

Depois de algum tempo, o imóvel que abrigava esse tesouro a custo reunido, com zelo e carinho, passa para outro proprietário ou é demolido. Se alguma placa de bronze existia nas paredes externas, seu destino terá sido a fundição. Tudo a diluir-se, tudo a encontrar outros moldes, finalidades.

Vestido num pijama de névoas, tentando explicar aos novos alguma coisa que ainda não está em seu alcance de neófito do Além, o *de cuius* sussurra:

– Nunca digas a tua mulher que esses objetos só têm valor, enquanto estiveres vivo.

O DIA DA AVE

De todas as comunicações feitas e estudos apresentados no decurso de 1977, nas sessões plenárias do Conselho Federal de Cultura, uma peça eu destaco, sem demérito de tantas outras, não menos brilhantes e oportunas: *A Aze e o Homem*, do conselheiro José Cândido de Melo Carvalho, referente ao dia cinco de outubro, comemorativo daquela que precede ao seu mais terrível perseguidor, cujas origens se perdem na Era Mesozoica, durante o período jurássico superior, portanto, o homem.

Ao terminar a leitura do mencionado trabalho, meu primeiro impulso foi de levá-lo comigo para dele tirar as cópias que pudesse, a fim de promover uma ampla distribuição, entre o povo de Manaus, daquilo que me parecia fundamental à nossa capacidade humana de ser e conviver em plenitude, ao contrário do instinto predatório que muito escassamente adere ao sacrifício do amor e da aceitação, algo maior, portanto, do que ver, nas aves, nada mais do que um alvo de tiro, caça, ornamento ou simples objeto de animação da paisagem.

Oportuna e sábia a lembrança do conselheiro Melo Carvalho, numa épo-

ca como a nossa de uns raros apenas angustiados com a extinção da Natureza, esta que, aos poucos ou não, vai cedendo à fúria dos machados e ao ronco dos tratores. E a queda de uma árvore significa, em média, a destruição de milhares de abrigos, além da morte ou a fuga incerta de outros tantos filhotes de passarinhos.

Em suas famosas *Conversações com Ekermann*, Goethe já fazia referências ao uirapuru do rio Negro. Vinicius de Moraes bolou um avegrama como instrumento de comunicação amorosa com sua pátria, o Brasil. Guerra Junqueiro faz-nos chorar, até hoje, com o suicídio de um melro engaiolado. Américo Antony presta sentida homenagem aos tucanos e às garças em dois sonetos antológicos. Na *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, é o sabiá que transcreve a sintaxe da saudade. No folclore, nas artes, na cantiga e no sonho, sem falar aqui na “biônica”, ciência que imita a natureza, sobretudo as aves, quanta poesia e quanta coisa maravilhosa não devemos a elas? (Resumo da crônica sob o mesmo título publicada em *A Crítica* de 21-3-1979, em Manaus-Am).

O SONHO DE TIBÉRIO

Conta Suetônio que o poder e o sangue dominaram de tal forma a Tibério Cláudio Druso, imperador de Roma, que a simples ideia de seu extermínio passou a revelar-se no sonho daqueles que, assim, podiam desenhar o rosto de seus próprios inimigos como supostos vingadores do povo. Não foram poucos os condenados à morte, sonhados e sonhadores. A sequência nebulosa destes episódios fizeram espalhar obstinadas manchas rubras por quase todos os lugares do império, conservando-se até hoje aquelas, sobretudo, que não partiram de suspeita alguma, como no caso do litigante que, um dia, ao saudá-lo, o chamou à parte e lhe declarou que presenciara, em sonho, o seu bárbaro assassinio.

Depois, fingindo reconhecer o matador, desenhou-lhe a figura dum adversário que estava em vésperas de apresentar seu libelo. Cláudio mandou arrastar o pretense indiciado ao suplício como se ele tivesse tomado parte no fato. Desta mesma maneira, conforme se conta, pereceu Ápio Silano, Messalina e Narciso, que tramaram a sua perda, repartiram-se os papéis: este, aparentando terror, abalançou-se uma vez pelo seu quarto adentro, afir-

mando-lhe haver sonhado que Ápio o esperava para matá-lo. A outra, afetando surpresa, narrou que, desde muitíssimas noites, ela vinha tendo também o mesmo sonho. Poucos instantes após, anunciava-se, de ânimo premeditado, que Ápio se dirigia para o palácio. Com efeito, na véspera havia recebido ele ordem para ali comparecer àquela hora. Cláudio, como se o sonho se houvesse verificado completamente, sem demora, ordenou-lhe a prisão e a execução. E não hesitou em narrar o caso, na manhã seguinte, com todas as suas particularidades, e render graças ao seu liberto que velava pela sua salvação, mesmo quando dormia.

Continuando sua carreira por entre o brilho das espadas e a sombra furtiva dos cortinados, Tibério Cláudio Druso já não sabia mais quem era, nem com quem, nem em que hora ou em que lugar falava. “Sentando-se à mesa pouco tempo depois de ter mandado matar Messalina, perguntou por que não vinha a imperatriz? Convidou muitíssimos daqueles que havia condenado à morte a, no dia seguinte, jantar ou conversar com ele, e, como julgasse que tardavam, enviou-lhes um mensageiro para lhes censurar o retardamento”.

Sua morte, porém, ao contrário do que os sonhos diziam, ocorreu de modos diferentes e em diversas circunstâncias e lugares: na cidadela, envenenado pelo eunuco Haloto, seu pregustador. Numa ceia doméstica em que a própria Agripina, sua esposa, ministrou a peçonha num prato de boletos. Acredita Suetônio que os envenenamentos foram sucessivos, a pretexto de que o paciente necessitava restaurar as energias perdidas. O certo é que Cláudio não morrera antes da aparição de uma estrela de cabeleira a que chamam de cometa, e da queda de um raio no túmulo de seu pai Druso.

Ou seja, antes que o elo da corrente sucessória já estivesse suficientemente coeso para a sexta fronteira da História.

UM EX-PREFÁCIO DO DESESPERO

Os traumas silentes: o murro que não pôde ser dado; a secura metálica na gorja de pássaros enfermos; a revolta de um principiante em casos de morte contra a falsa postura da medicina capenga, divertida, irresponsável e manipuladora; a voz engolida; a hemorragia do abandono; a fogueira gástrica do estresse; os sintomas desconhecidos que estouram o reto e destroem a película dos intestinos; o gesso inútil para emendar abismos de fúria desmineralizadora; o relógio fechado dos antecedentes genéticos acelerando as hélices do retorno físico, etc. E o que dizer mais? No pano de fundo, o riso habitual dos “carrascos” vestidos de branco...

Foram estes os momentos (fragmentos?) que me ditaram a maioria dos poemas que fazem a textura de tantos martírios paralelos, portanto, anônimos.

Posta em sossego: súbito esplendor de uma nave sidérea, transformada em si mesma e no esquife de sua longa viagem. Assim vislumbrada à distância de alguns metros, ali estavas tu, horizontal e plena mater consoladora de todos os seres aflitos: poetas, jovens e crianças de tuas belíssimas chagas invisíveis.

Diante desse clarão momentâneo, os traumas silentes gritam e mergulham nas cinzas do anonimato precoce. A sátira, a ironia e o desabafo que pontilham estas páginas: máscaras dançantes. A morte, sendo ela a situação-limite do poder aquisitivo, é mor que tudo.

(De um livro que terminei por abandonar, após o falecimento de minha mãe).



A INILUDÍVEL

*D*e meus pais, eu nada ouvira sobre os danos da velhice nem dos apressados galopes daqueles sinistros Cavaleiros da Morte. Entendi, desde cedo, que eles não gostavam de auscultar as mazelas do corpo, muito menos de perder o seu tempo com a metafísica do inevitável.

No empenho de enfrentar a luta pela sobrevivência, todas as horas do mundo nos eram sumamente preciosas. Portanto, na divisão cronológica das tarefas de nosso cotidiano, rareavam as brechas que sugam para os abismos do estranhamento cósmico, ficava-se mesmo a curtir o sereno das noites estivais, cadeiras na calçada, cafezinho, xarope de groselha.

Eles já haviam perdido os seus, ainda no Líbano, e nós, ou seja, apenas eu e meu irmão, ficávamos a ler, nas estrelas, o enigmático amanhã dos alquimistas da palavra, nomes e fatos se misturando ao lendário esconso das mil-e-uma-noites. Retalhos de vestes desses contadores de histórias, geralmente derwiches, luziam nas conversas dos mais letrados, faziam rir aos adultos.

Naqueles idos, embora a taxa de vida oscilasse entre os quarenta e cinco e

cinquenta anos, a temática da morte não seduzia a ninguém, quer fosse por falta de assunto ou não. Até que, num certo dia e mês de 1957, a primeira criatura de Deus que vi agonizar para esse tipo de viagem, foi meu tio José.

Fazia-me gestos de que teria esquecido de assinar uma espécie de testamento, mas nada disso, na extremidade de suas forças, consolava ou distraía. Ficara-me (da cena) uma impressão terrível. A experiência, talvez, que me faltava, o escudo que retarda os passos do inimigo fatal.

Aquilo que você viu, e reconhece.

A PASTA

*H*ermeticamente fechada em torno de todos os documentos profissionais a partir de 1954, onde estaria essa pasta? Ah, lembrei-me. Izabel guardara-a entre os seus aconchegos domésticos, e agora ma entrega, segundo o rigor gramatical de meu saudoso amigo Farias de Carvalho.

Devagar, eu fui deslacrando o envoltório da mesma, e, logo, aparecem os ofícios que me designavam para as mesas apuradoras das eleições de dezenas de sindicatos, todos sediados no Amazonas.

Em seguida, portarias do delegado Regional do Trabalho designando-me para viagens a serviço do Ministério, outras para o exercício de chefias, outras ainda para presidir a cursos como este de aperfeiçoamento sindical, distribuído em quatro ciclos.

A seguir, vêm os Diários Oficiais da União a publicarem a ascensão, lenta e penosa, do Identificador referência 19 para datiloscopista auxiliar, deste para inspetor do Trabalho, numa escalada feita à custa dos desvios de função a que nos obrigava a falta de servidores que se dispusessem ao risco de enfrentar a insalubridade dos interiores amazônicos. No

meu caso, eu enfrentei tudo, desde a malária até a agressão por machado num estaleiro de São Sebastião, no Município de Urucará. E malária, de novo, em Porto Velho.

Dando um salto no tempo, vejo-me então nesse ano de 1984, a reunir comprovantes destinados a instruir o meu pedido de aposentadoria do Serviço Público Federal, aqui onde se comprovam e se atestam as anotações dos seguintes contratos de trabalho, em minha Carteira Profissional: Weynes Equipamentos do Brasil – Rua Juan Pablo Duarte, 64 – Cinelândia – Rio de Janeiro; *A Gazeta* – Rua Saldanha Marinho, 140 – Manaus-Am. – Cargo: Redator; Empresa Archer Pinto Ltda. – Avenida Eduardo Ribeiro – Fundação Cultural do Amazonas – Rua Huascar de Figueiredo, 1.019; Imprensa Oficial do Amazonas etc.

Há, porém, firmas outras, anteriores à minha nomeação para o Ministério do Trabalho, como tive a oportunidade de mencionar numa crônica desta memorabilia. E devo registrar que foi o deputado, depois senador Áureo Mello quem tomou a iniciativa de me apresentar ao seu colega Frota Moreira, quando, por meio deste, travei conhecimento com o Luiz Araújo, diretor do pessoal do MTIC, e daí com o ministro Segadas Viana.

Relíquia, portanto, é a primeira portaria do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, que me nomeia, com data de 29-12-1953, para o cargo de Identificador referência 19. Daí por diante, já em Manaus, de volta do périplo sulista, tudo agora seria diferente. Na verdade, a fase mais longa e mais estacionária de minha existência.

Amenizada, contudo, agora que os papéis também se aposentaram, pela sentida recordação dos colegas de trabalho na longa convivência que tivemos, da qual nos ficara um vazio tão grande, tão grande mesmo.

A QUEDA

A Queda, um filme de Oliver Hiaschbiegel, me transporta àquele oito de maio de 1945, ali na travessa Tabelião Lessa, em Manaus, a alguns passos do Mercado do Peixe e do comércio de Bady Mussa Dib, onde eu trabalhava.

O intenso foguetório e o champagne a rodo devia-se, sobretudo, ao regresso dos pracinhas Ricardo Chamma e Eládio Dias, cujos familiares moravam entre as ruas Leovegildo Coelho e dos Barés, faixa urbana tradicionalmente ocupada pelos sírios e libaneses.

Se bem me recordo, começamos então a recolher os mostruários de produtos expostos em quatro metros quadrados à frente da lojinha, já que essas vias logo estariam sendo tomadas pelos grupos improvisados de brincantes carnavalescos. Enfim, comemorava-se, também, a rendição incondicional da Alemanha de Hitler.

Era um trauma em cima de outro.

Meus pais já haviam sofrido as consequências da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), vendo sucumbir parentes, vizinhos e amigos contaminados pela gripe espanhola. Meu avô materno fora uma dessas vítimas fatais. O drama

dos imigrantes, neste período, encontra no escritor Salim Miguel um dos melhores intérpretes e narradores em seu romance *Nur na escuridão*.

No Amazonas, felizmente, nós só tivemos de enfrentar as intermináveis filas indianas para adquirir pão, café, carne etc., além das cenas de agressão aos germanófilos que fomos obrigados a testemunhar, reduzindo famílias abastadas à condição de proletários, sem falar nos saques e nas invasões domiciliares..

Rapazinho do interior, acostumado nas coisas amenas da infância, a guerra não me seduzira, apesar de que, durasse ela um pouco mais e a minha classe estaria sujeita ao engajamento compulsório. Não como aquele do Escotismo do padre Miguel, em Sena Madureira, e da Juventude Brasileira, em Manaus, a que íamos levados pela influência de nossos colegas. Na certeza de que não iríamos lidar com armas de fogo, mas acordar cedo, fazer ginásticas, acampar, aprender ofícios, disciplina etc.

O currículo de escoteiro me servira para um ingresso rápido e prestigioso na Juventude Brasileira. Ambos, porém, não seriam capazes de isentar o filho de um ministro da convocação para-belus. E ninguém para alertar-me quanto ao fato de que eu era, desde muito, nada mais nada menos do que um ferrenho arrimo de família.

Portanto, dispensável.

A SANTA PALESTINA

Transpõe os extremos da mais lúcida compreensão metafísica, a menos que submetidos ao crivo da parapsicologia ou da melhor doutrina espiritualista, casos como esses da santa palestina Myriam de Jesus Crucificado, nascida Mariam Baouardy, beatificada por SS o papa João Paulo II, no dia 13 de novembro de 1983.

A *Florzinha Árabe*, livro de Fr. Bernardo do M. de São José C.D., oferta que agradeço a minha boa amiga Adelaide Petters Lessa, relata a história por todos os aspectos chocante dessa humilde empregada doméstica, cuja fé em Deus, ao vivo clarão do Novo Testamento, lhe dera força para vencer a morte, a prepotência, o mal-entendido, a pobreza, as ameaças que subestimam a grandiosidade da autoconfiança, a renúncia e o martírio.

Como fotógrafo, no entanto, eu prefiro esticar as pausas da leitura observando os dois retratos de Myriam, seus olhos fixos numa súbita re-dimensão do tempo e do espaço, como se estivesse a ver ou pressentir qualquer coisa além das imagens e dos números que aprendemos. Ela parece em êxtase, mais perto de Deus e longe daquelas sujas palavras que lhe

foram atiradas, como dardos incandescentes, ao longo de sua angustiosa penitência em busca do Caminho. Pois, afinal, santa Myriam é a santa dos caminhos.

Lembremo-nos, contudo: o místico é a devoção contemplativa, a gruta vocal. O santo é a estrada, o bálsamo, a enfermaria. Nossa duvidosa sobrevivência está, agora, em suas mãos.

A VIDA E AS CARTAS

Quem não gosta da vida? Todos nós gostamos. Difícil, porém, é desfrutá-la como fazem as abelhas e alguns pássaros. Eu sei que o trabalho, sempre aquele que não queremos nem para os inimigos, interfere um pouco na escolha das flores e dos caminhos. O trânsito também atrapalha, uma vida passa então a olhar a outra com a raiva das buzinas, surgem problemas mecânicos, humanos, clínicos, metafísicos.

De repente esquecemos os primeiros raios do dia, a lua de ontem à noite, os lagos tranquilos e a promessa que fizemos de conservar os músculos da catadura a zero quilômetro. E logo passamos a fazer o jogo cabalístico do Diabo, com as pedras marcadas do destino. Culpamos a este pela má distribuição das rendas públicas, do sorriso em falta, das passagens aéreas e dos convites para os cargos do novo governo.

Algumas outras personagens míticas, que nada têm a ver com o preço da gasolina, desfilam também no vermelho das pupilas distônicas, a caminho da degola. Nem Deus escapa. Por outro lado, os fatos mundiais atizam a fogueira: cem crianças morrem sacrificadas, um paraquedista se recusa ao para apenas por ser

branco e o passageiro de cor, as vozes de Allah (ayatollas) são tantas no Irã que os chefes da revolução resolveram descansar a palavra, transferindo o grito sagrado para o recurso das bombas.

Trocamos a vida pela amnésia, o aroma das frutas pelo cifrão do Tio Patinhas. Seguimos a procissão dos mortos, conduzindo nosso próprio ataúde. A guerrilha das faixas de segurança, a suspeita de um freio malregulado ou de um trombadinha mais afoito, nos tiram da cabeça os projetos de felicidade, a confiança nos outros, o amor esotérico, o gesto crístico, a doação poética. Largam-se de nós as pontes móveis da autodefesa, já que nos vemos, durante todos os percursos, em luta contra moínhos de vento. Descontraímos a força, sem saber o que vai pelos obsconsos itinerários do sangue, e lá um calhau nos sufoca, mata ou simplesmente aleija. E agora, José?

Os barcos que inventamos, as abelhas que zumbiam seu mel de fragrâncias silvestres, a lua de junho, os poemas de Thiago de Mello, o voo de Gagárin, as fibras tecidas de Douchez, a torre de Ismália, as memórias de Pedro Nava, o regresso de Carlitos, o encontro das águas, tudo fica para trás, como as partículas de uma rosa que explodisse. Nestas circunstâncias, porém, instala-se o apelo dos egoístas. Procuramos em nosso redor as misérias físicas do mundo, as chagas que não temos, o braço que ainda sentimos, a visão que jamais se apagara, a voz que nunca emudecera. Um apelo cretino, de todo ilegítimo para aqueles que, de um modo ou de outro, terão contribuído para a desgraça alheia. E ainda se alegram em manter ileso uma entidade alérgica a ser útil, mãos desprovidas de energia para o gesto executivo, braços anestesiados pelo sossego dos paquidermes, voz combalida pelo medo, visão descolorida e subalterna aos benefícios primários.

É bem uma zorra ter que suportar um chão de tantas semelhanças e dessemelhanças. Um mundo de acidentes, corrosões, imediatismos, crueldades, malquerências, petulâncias, traições, tafularias, momices e

vilezas. Pensamos, no entanto, em certas criaturas que amam a vida e tudo parece mudar de sentido. A pulsação vital recomeça exatamente a partir desses marcos subjetivos, em que a força interior de suas primeiras moléculas reclama a certeza de que precisamos de alguém, ou de alguma coisa maior do que a incerteza, como suporte de nossas fragilidades, nessa breve travessia. E os grandes amigos de nossa juventude são estes suportes. Eles nunca chegam a meia dúzia. Variam de caráter e temperamento, mas optam pela firmeza. A maturidade e os casamentos escasseiam os encontros habituais, a morte separa. Suas faces de ontem confundem-se, às vezes, com as de hoje, mas suas cartas periódicas, sopradas pelos alísios da saudade, reafirmam, sempre, a existência de um vínculo perene nos momentos de solidão e desamparo.

São essas as cartas de amigos distantes que gosto de reler, na demorada fruição de quem tece objetos novos com a palha tépida dos vocábulos de ternura e simpatia. Algumas delas são-me tão caras como os autógrafos de Pedro Nava, Jânio Quadros, Carlos Drummond de Andrade, Marcus Accioly e Pessoa de Moraes, sem falar de Milton Dias, Malba Tahan e Ramayana de Chevalier. Deste eu conservo sua última carta, cujo fecho revolve a túnica dos séculos: “E agora eu me cerro – uma tâmara para o teu coração”.

AGENDA

Que se deve fazer com mais uma agenda que nos chega de brinde, para mais doze meses tão cheios de motivos para anotações quanto inúteis para mais uma agenda?

Na verdade, para que servem elas nas mãos que já foram ninhos de pássaros, dedos que agora se emperram ao toque desses vastos domínios gráficos da vida e da morte, todos armados segundo as previsões de que a rotina também muda de nome, e os nomes também mudam de cara?

Dando uma ré no velho hábito de manter as velhas na paz das estantes arrediadas, vencidas páginas foram trazidas de lá, túmulos abertos, endereços riscados, cruces postas à tinta à margem das recordações trucidadas pela foice vitoriosa.

O novo ano raiava. Esta, pelo menos esta, deveria permanecer intacta, sem dados pessoais etc. As fases da lua poderiam ser outras, ou não, tudo de acordo com a inteligência dos horóscopos, em futuros calendários.

Única alternativa de apertar um botão diferente, sentado numa cabine inventada pelo silêncio de uma viagem sem a máquina opressiva dos dias comunitários.

ALF LAYLA U LAYLA

*T*ranspuseram léguas de sonho e poesia as *Mil e Uma Noites*. Aos pedaços foram trazidas para o Ocidente, cuja racionalidade se impregnara delas influenciando a própria literatura. As rebarbas desse estilo de contar histórias sobrou para os folhetins semanais, a novela radiofônica, televisiva, sem dar-se conta, até hoje, das ousadas tentativas de imitar o inimitável, ou seja, de fazer alguma coisa parecida como se fosse inventada.

Pelo menos os mais famosos contos dessa poranduba milionêutica, deram-me sono para dormir, noites abertas para voar. Na verdade, leitor, em nenhuma das edições deste mostruário celestial que eu viria a conhecer, já impresso, depois de adulto, inclusive a tradução prefaciada pelo meu saudoso amigo Malba Tahan, jamais pude encontrar, como na voz de minha mãe, a música certa dos gestos e das palavras que conduzem o mistério das narrativas, quer tratem da prepotência de Shahyár, quer cheguem à viagem do Profeta contada por Ibn Àrabî.

Quanto à identidade, o sentimento é comum, não importa que as “noites” tenham sofrido interrupções ou acréscimos nas terras do Egito, tenham nascido

na Índia, na Síria ou que a obra tenha partido de um conjunto de fábulas persas, segundo Mamede Mustafa Jarouche. O importante é que tiveram o apoio do imaginário popular, o fôlego dos tempos e a maturidade dos séculos. Sharazád, como filha de Vizir, era moça iniciada em algum conhecimento fundamental, teosofia ou sufismo, suporte indicativo para que se entenda a inteligência como parte do jogo.

A mim parece que o Oriente começa a ser redescoberto. Este caminho levará, com certeza, a muitíssimas outras descobertas. E novos saques. Tantos, que até confundem.

AMAZÔNIA I

Da Amazônia se fala ao cunhar-se, apenas, o jargão ecocida de que mantê-la intocada, qual um santuário da natureza, é um absurdo etc. Talvez, sim, daquela Amazônia de milênios atrás, já refeita da grande catástrofe natural de que resultaram os Andes.

Preservar o que ficou dela seria o mínimo a fazer depois do massacre a que fora submetida ao longo desse período, levando-se em conta os 10.000 anos, redondos, de que nos dá notícia o historiador amazonense Antônio José Souto Loureiro.

A farsa, portanto, consiste na visão que ainda se tem de uma floresta da magnitude da Amazônia, incomparável a qualquer uma outra de que se tenha memória ou de que restara alguma coisa parecida.

Tivéssemos, nas universidades, um curso de História dentro de cada disciplina, como se tem, na História, um pouco de cada uma, e a realidade estaria a nos demonstrar quantas pilhagens a reduziram e enfraqueceram.

Lembra-me, palidamente, dos 300 anos durante os quais as ruas de Belém e de Manaus foram iluminadas com a quei-

ma da banha de tartaruga, e da lenha extraída a golpes de machado, já na época das usinas de fôrça.

Lembra-me, ainda mais palidamente, das madeiras nobres, das peles de animais silvestres etc., que tiveram a proteção da lei para serem exportadas.

Lembra-me... Ora, são milhares de itens. Santuário! Por que não, cemitério?

ANTIGUALHAS

Como nos velhos tempos – inícios da segunda metade do século XX – torno a datilografar meus trabalhos feitos à mão numa velha maquina Olivetti, adquirida ao sucateiro, mas de tanta valia quando as modernas saem do ar por falta de suprimento elétrico. Ou, como no caso da minha IBM, por um outro motivo qualquer em seu delicado maquinismo entupido de transístores.

Pouco importa, entretanto, desde que funcione, se isto vem de Matuzalém ou do Japão dos avançadíssimos aparelhos eletrônicos. É um modo, este, doado pela natureza para opor os blindados de Bismark ao mundo plástico da dysnelândia tecnológica. A relatividade também entra com sua parte no enfrentamento das dificuldades com o poder aquisitivo. Bastou isso para que eu constatasse que um terço do valor que me orçaram para o conserto daquela, bastaria para a compra desta.

Ai de nós, ao fim e ao cabo, se não achamos saída para os grandes ou pequenos desafios do nosso cotidiano! E aqui encontro um hífen e um ponto com que fazer a exclamação de praxe. Outros recursos e outras montagens dotam, assim,

a triste maquina das mesmas qualidades daquela outra, mais prática, mais rápida e, talvez, menos cansativa, porém, muito mais dispendiosa.

Enfim, salvarei minha tarde litorânea compondo um soneto ou passando a limpo dezenas de poemas que fiz para o nada. Tanto faz. Uma letra a menos poderá ser, artesanalmente, corrigida pela caneta esferográfica. A caneta-tinteiro, as penas de aves que sirvam para escrever, qualquer outro meio capaz de reproduzir o pensamento através da linguagem, continua valendo.

O importante é resistir.

AO REDOR DA FOGUEIRA

Senta o pajé ao redor da fogueira, e ao lado do pajé ocupam seus lugares os curumins da tribo.

Que história vamos contar, se todas elas, durante séculos, já ecoam na floresta pela voz desse principal que pode ser Buopé, Casemiro ou Duda Manduca?

Bem, uma lenda sempre ganha roupagem nova, e nunca mais será a mesma depois de contada. Ou seja, cada vez que alguém conta um caso, esse mesmo caso adquire matizes diferentes. E não é porque haja fantasia ou acréscimos, por parte dos contadores. O enredo tem lá seus mistérios.

O fato é que lenda, conto, narrativa, como quiserem nomear, desde que articulados oralmente por milhares de pessoas, acabam por mudar de estrutura, pois vão incorporando a experiência da história (agora com h), instituindo a poranduba, o código de honra, usos e costumes de nossos nativos.

Deste modo, o fenômeno do arco-íris chega a ter cerca de duzentas versões. Da Cobra-Grande nem se pode imaginar a quantidade de vezes que ela aparece, ora sendo um enorme gaiola totalmente iluminado, de grandes olhos fosforescentes, ora isso ora aquilo.

Muitas fábulas, porém, suculentas de magia poeticamente estilizada, guardam segredos de plantas, bichos, cachoeiras, pedras gigantes, frutas e pássaros, sobretudo quando invocadas para mediar as relações do homem com a natureza.

Toda lenda, portanto, mantém um elo entre o céu e a terra. Ao contrário do branco, ou cariuá, o indígena sabe que é parte indissolúvel do cosmo. Ele sabe que vem das estrelas, sua carne é de lua, convive intimamente com os demais seres da mata, entende sua linguagem, como entende, por outro lado, a linguagem das águas, dos ventos, das serras e planaltos.

Daí porque uma estória baseada em fatos reais ou fenômenos aparentemente absurdos, nada tem de absurdo e quase nada tem, inclusive, daquelas outras estórias inspiradas na vida rural ou urbana, aí onde o h já pertence à História.

O ambiente que dera forma ao conjunto de tais relatos, é bom saber, mergulha numa noite com dez mil anos de bosques, rios e clareiras do reino vegetal. Entre lagos e terras do sem fim.

Nem falar em rádio, televisão ou computador na taba dos bahiras. A televisão, os índios obtinham através da fumaça do cachimbo; o rádio eram os ouvidos colados ao chão e o computador era rústico, mas eficaz: numa telinha de couro de anta, pássaros mágicos aparecem, levam e trazem notícias de qualquer paragem.

Tudo, enfim, de quanto se necessitava, havia nesse antes e nesse depois que o tempo foi inventado. Com a simples diferença de que os nossos antepassados eram donos de seu próprio nariz, e não escravos do relógio.

Dessa maneira ainda pensa Anacleto, o tukâno que ajuda a ensinar para o branco como se faz vinho de pupunha, como o tamanduá adivinha chuva e de como termina uma briga entre um mortal e um duende.

APELAÇÃO CÍVIL

*L*á um dia, ao regressar de uma viagem ao Recife, traz-me o poeta Virgílio Maia a cópia de um voto do juiz José Maria Lucena (relator), favorável à pensão de Soldado da Borracha a um certo apelante cujo nome não aparece no texto, citando, como argumento, um capítulo de meu poema *Cordelim de Alfarrábios*, que assim termina:

Apenas tu, seringueiro,
movido pela esperança
de ajudar sendo ajudado,
perdeste força e trabalho,
mais vida do que dinheiro;
foste igual à seringueira
que tu sangraste sangrando
pelas *estradas* do acaso,
e ao final do teu destino
morreste soldado raso.

Este voto do juiz é chancelado pelo Tribunal Regional Federal da 5.^a Região, e a apelação tem o número 95199-CE. No caso ora em exame – conclui o relator – o apelante fora reconhecido Soldado da Borracha através de sentença proferida em Ação Declaratória promovida perante a 6.^a Vara da Justiça Federal do Ceará.

Lembra-me o episódio de uma pendência, também judicial, que tive com a Prefeitura Municipal de Manaus, estando eu condenado a pagar um imposto no valor presumível quarenta vezes maior do que o do próprio imóvel. Nos três primeiros dias que decorreram do prazo concedido para o recurso, vi-me perdido. Já nem sabia o que fazer. Descobri, então, que não era um juiz que assinava a notificação, e sim, uma juíza. Daí a lembrança de fazer minha defesa em versos, fechando o caminho da autoridade no caso de uma resposta que não fosse, também, rimada e metrificada.

O processo foi arquivado.

AS CARAVANAS

I e II

Num certo dia do ano de 1951 (a data correta pode estar com o Neto), largou-se de Manaus com destino ao Rio de Janeiro um grupo de jovens que, ao atingir o Sudeste, ficou sendo conhecido por Caravana dos Monges. Levava-o um Catalina da Força Aérea Brasileira (FAB). Ao sair da capital amazonense ele era composto apenas por Farias de Carvalho, Alencar e Silva (ou Neto) e eu. A partir do Rio, com Antísthenes Pinto, formou-se o quarteto de poetas em direção ao extremo Sul do País, de São Paulo em diante com o patrocínio da Seguradora Nacional Prudência e Capitalização. Adalberto Vale na direção da empresa e Ramayana de Chevalier como assessor e amigo deste na área de relacionamento cultural e diplomático.

No livro *Clube da Madrugada: 30 anos* ocupei-me no esboço dessa grande aventura, colocando-a, como não poderia deixar de ser, nos antecedentes do próprio clube. Procurei fazê-lo com a devida cautela, para evitar a insinuação de quaisquer influências externas sobre o ideário em curso daqueles outros jovens pioneiros, cuja liderança se dividia entre poetas e estudantes universitários.

O fato é que as caravanas de 1951 e 1953 (pois houve essa última, com a participação de Guimarães de Paula, iniciando-se pela costa do Atlântico), ficaram deslembradas ou esquecidas nos cinquentenários anteriores ao Clube da Madrugada, ou seja, em 2001 e 2003. Seria uma boa oportunidade para relembrar as façanhas do grupo, sua audácia e os destaques por ele alcançados em São Paulo, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

Para ficar apenas em dois exemplos: a *Rádio Gazeta* entrevistou-nos sobre os objetivos de nossas viagens no disputadíssimo programa *Enciclopédia do Ar* (equivalente, hoje, ao programa do Jô Soares na TV), estivemos em visita à casa de Menotti del Pichia, enquanto, ao nosso lado, o estudante de Direito e futuro ministro do Trabalho Almino Affonso, fazia-nos companhia, declamava seus poemas de sabor paulistano, sonhávamos juntos.

Terá sido a falta de uma data, devidamente lançada e comemorada, o que deixara em branco as andanças e o trabalho das duas caravanas? Mas isso é sanável.

**AS FONTES
PRECÍPUAS
DA ARTE,
DO BEM E
DO MAL**

A canção de Lamer, a primeira manifestação do gênero registrada pelo homem, traz em si o pesar pelo derramamento de sangue, o sangue de Abel, cujo assassinio a Bíblia Sagrada atribui a Caim, seu próprio irmão. Caim, segundo Fulton Oursler, autor de *O Maior Livro de Todos os Tempos* (Editora Record, s/d), também construiu “algumas casas próximas umas das outras e aquele grupo de habitações cobertas de folhagem, perto do caminho, pode ter sido a primeira cidade do mundo construída pelo primeiro assassino”.

A escada de Jacó, sonhada a partir da pedra que lhe servira de travesseiro, terá sido o primeiro aviso das possibilidades humanas de prever o futuro. A pedra em que Jacó colocara sua cabeça e sonhara - “Seria esta a pedra da coroação que uma vez fora roubada da Abadia de Westminster, a Pedra de Scone, do destino” - assegura Fulton Oursler. Ela servira a Jacó como uma coluna de memória, em Batel ou “casa de Deus”, local onde se dera a visão e onde ouvira a Voz, “aquela calma e profunda Voz que falara pela primeira vez no jardim para sempre perdido e que, identificando-se com o Deus de Abraão e Isaac, lhe fazia promessas extraordinárias” (idem).

O Tabernáculo de Moisés, uma tenda, um santuário, um lugar de adoração, terá sido a primeira igreja do mundo. E o primeiro recenseamento ocorreu um mês após a construção do tabernáculo: Deus ordenara que os filhos de Israel fossem contados.

O primeiro vendedor de sucos de frutas encontra-se nas *Histórias de Josué*. O suco era vendido num saco de pele de cabra, bem parecido, talvez, com os plásticos da atualidade. No mesmo capítulo ainda vamos encontrar a primeira investigação de detetive da História, o primeiro interrogatório policial sobre as más ações dos homens e o trabalho forçado, com uma pequena justificação moral, também ali tinha sido criado. Além do dia mais longo da história do mundo, na guerra de Josué com os cinco reis de Canaã.

O primeiro estacionamento foi das carruagens de Salomão. Para seu uso pessoal, Salomão dispunha de 1.400 carruagens. O governador da corte de Jerusalém tinha de providenciar o que chamavam de “cidades” com áreas de estacionamento para as carruagens e aquartelamento para os soldados de cavalaria (Ib. pag. 255).

Primeira notícia de floresta “transferida” para uma construção monumental: o vastíssimo salão de assembleia do Palácio Real de Salomão, conhecido como “a casa da floresta do Líbano”, com cinquenta metros de comprimento, vinte e cinco de largura e mais ou menos quinze metros de altura, toda feita de troncos maciços de cedro (Ib. 261).

Meninos de rua, meninos do deserto, os primeiros, violentos, a pintarem na antiguidade, inclusive a sofrerem revide: “Andando em direção a Betel numa outra tarde, Eliseu foi atormentado por um grupo de crianças selvagens e viciadas, cujos pais não tinham ensinado a seus filhos os preceitos da velha religião, porém ao contrário, a prática das sanguinárias, abomináveis e orgiásticas perversões de Baal, o deus da rainha Jezabel. A multidão de crianças parecia um enxame ao redor do profeta que, levantando o bastão, invocou ao Senhor para o livrar delas. Quarenta crianças morreram espatifadas” (Ib. pag. 289).

Houve um tempo, também, em que só a elite era presa e escravizada (Nabucodonosor). Com esse rei da Babilônia se deram, igualmente, os casos insólitos e fantásticos do banquete de Baltazar, os primeiros com todos os requintes da melhor tecnologia e do suspense moderno.

Os ladrões de estrada começam com a expulsão de Agar e seu filho Ismael.

A primeira fábula foi contada por Jaboatão e o primeiro suadouro foi tomado por Sansão nos aposentos de Dalila. Aproveitando o sono do herói, Dalila fez entrar o anão que lhe cortara os cabelos, retirando-lhe as forças (Ib.179).

As primeiras sessões espíritas foram realizadas pela feiticeira ou pitonisa de Endor. E a primeira maior devastação florestal se dera com a derrubada dos cedros do Líbano para a construção do templo imaginado por Davi (Ib. 231).

**ATÉ ONDE
CHEGAR
É PARTIR**

Declara-me um velho e querido amigo não saber ainda até onde eu quero chegar, com minhas crônicas e artiguetes. Bem que você poderia aplicar esse tempo valioso ao sacerdócio da literatura, fazendo estalar da brancura vegetal as sementes do produto acabado, da obra definitiva. Hesitei um pouco na resposta, disse-lhe que este era um modo afetivo de não esquecer o jornalismo, maneira de acusar livros e cartas recebidas ou simples miolo de pote na gradativa substituição do diálogo vespertino, numa cidade cada vez menos favorável ao encontro dos mosqueiros. E assim fui descartando a surpresa do ataque, embora, pela sua recente formação acadêmica, ele tivesse firmado um preconceito elitista contra os voos rasantes de Lúcifer, preferindo manter bem alta sua fronte coroada pelo arbusto da glória, lentamente construída.

No entanto, o raciocínio procede. Merece ampliação, maior esclarecimento, e nisto se há de chegar à verdade. E a verdade, aqui, é uma rosa que se repete no tempo da rosa, intervalo capaz de fazê-la irradiar, por tudo, a presença da rosa. O exercício de Bach também se encaixa na literatura. É escrevendo que se aprende a escrever.

É vivendo que se aprende a viver. É voando que se aprende a voar. Os mesmos temas que poderiam render um ensaio, um conto, um romance, um poema ou uma peça de teatro, cabem numa crônica. Mas, para que se atinja esse poder de síntese – no colóquio com as ruas, naquele singelo *aggiornamento* catequético estimulado pelo patriarca de Milão, antes de receber o título de papa Paulo VI, vai uma longa caminhada. E de permeio não são de se desprezar as críticas sensatas, tampouco os secretos alfinetes da ironia, gestados no ardor da expectativa mordaz, ante os cochichos dos lapidadores.

Escrever é uma sensação que, de tão forte, dispensa muitas vezes a escolha de um tema. Fica-se em transe. O aparelho físico erra com seus olhares perdidos numa ruma de coisas e objetos, sem reparar neles a existência potencial de milhares de palavras que buscam comunicar um significado oculto, uma utilidade recolhida, um movimento vibratório transmitido à distância. A evidência torna-se uma rotina que aniquila. Descrever simplesmente é uma chatura. Não se trata, rigorosamente, de elitizar ou vulgarizar. O problema é complexo, variável, pessoalmente intransferível.

A crônica é o chão. Quando faz estilo, faz escola. Quando não faz escola, cria mofo. Raros são aqueles que ficam depois que as figuras e os acontecimentos volvem à poeira dos arquivos. Entre estes raros, nem a propósito, reencontro, em minha estante, a quinta edição do *Espadas e Rosas*, de Júlio Dantas, na qual aparece uma crônica dedicada a um pintor brasileiro, Henrique de Holanda, de quem nunca tive notícias senão por meio do célebre autor de *A Ceia dos Cardeais* (1902, Lisboa, Portugal). Os elogios ao pintor, que ele chama de “virtuoso da luz”, o comparam aos mais notáveis de seu tempo. A crônica, portanto, é, antes de tudo, história. (Resumo da crônica do mesmo título publicada em *A Crítica*, em 11-6-1979, Manaus-AM).

BERNARD, O ANTIFILÓSOFO

*M*inha alegria é versátil, sai de mim, volta pra mim, se imprime em qualquer matéria que aceite a palavra, adeja, nada, rodopia, algema os demônios da contrariedade, absolve os inocentes da condenação injusta, soergue os fracos do abismo, lança os fundamentos do novo.

Enquanto me ligo a essa gama de exércitos aos quais transmito a arte de Sun Tzu, a poesia de Mao Tse Tung e a virtude de Baltazar Gracián, nada impede que a noite se ponha a meu lado, nem que, de repente, eu me veja a caminho de uma outra galáxia.

São modos, diversos ou sem versos, voltados ao pleno, e o pleno é o que nos levita, faz-nos dormir ou simplesmente andar em busca de nossas próprias origens, quer estejam no Oriente Médio, quer numa praça pública capaz de permitir, ao menos, que haja canteiros, árvores, bancos para sentar. E amigos. Contemporâneos da Hora.

Movido, quase sempre, pelas hélices douradas que impulsionam rumo aos celeiros que alimentam este sonho de ficar em vigília, para onde me vou? Não pensar – recomendava-me o saudoso amigo Bernard Alexandre. Quem pensa, logo existe. Ou deixa de ser.

DA VELHICE E DA MORTE

Jovens não se queixam de nada. Velhos ou quase velhos, se tematizam. Dão-se conta, às vezes tardiamente, de que estão presos à roda de Íxion, donde o tempo se mostra em toda a sua rotina, circularidade, fraturas, mazelas.

Há-os, porém, que se gabam da senectude, como Picasso nesta frase: “Leva-se muito tempo para se ser jovem” Outros a ignoram, não sabendo (ou não querendo) atribuir os transtornos da visão ao peso da idade.

Com mais requinte, incluem-se na lista dos últimos, porripotentes testicocéfalos a exemplo do farmacêutico Ximenes (que aos noventa janeiros copulava de pé) e o temerário dr. Anta, o qual, em seu regresso noturno à casa, parava debaixo das frondes de uma secular mangueira para masturbar-se ao clarão do novilúnio.

Temos ainda o querido amigo Kideniro Teixeira, poeta universal de Santa Quitéria, cujos noventa e sete anos estão plenos de vigor e saúde: ele bebe, viaja, dirige automóvel. Nem usa óculos. Almoça e janta, escreve e declama, locomove-se tão bem quanto um adolescente, conversa e desbobina a memória em

direção aos tempos de estudante, chora ao recordar das pessoas que o ajudaram a conquistar seu diploma de bacharel em Direito. Tem lágrimas de gratidão, das poucas que contêm qualquer substância milagrosa contra os vilões de nossas células.

Nenhum deles, contudo, inclusive outros de minha juventude em Manaus – como o Nuno Cardoso, falecido aos cem anos – jamais se desviaram dos luminosos caminhos da vida, para falar da velhice ou da morte.

Quando estou distraído, ainda ouço o que dizem. E volto a mim mesmo, desperto de um sonho.

DE REPENTE, O QUINTAL

Um passeio no quintal, outro no jardim, e a calma envolvente escava a lembrança dos dias passados, quando a família se juntava para o churrasco e os bichos domésticos – gatos, na maioria – faziam curvas na espinha dorsal desequilibrando os menos atentos, na disputa de um naco. Súbitas zoonoses e frequentes perigos foram levando os bichanos. Jazem todos aqui, sob a terra do quintal e do jardim.

Aprofundam, sem dúvida, a solidude pela falta que deixaram no lugar da pelagem macia, dos longos mergulhos de sono ao abrigo da casa.

Aqueles outros – filhos, netos, sobrinhos, amigos – deslocaram-se do eixo afetivo, uns por motivos diversos, outros pela distância que tiveram de vencer em busca de ares e geografias mais favoráveis ao desempenho da saúde e dos negócios. E nós, as matrizes, nos fomos deixando ficar. Algo semelhante a uma usina de suaves magnetismos, sem cheiro nem cor, mas criados talvez pela concentração de tantos afetos resolvidos, armara-nos este laço que aperta e suga, ao jeito comum dos apuíis. Este ar/senal de moléculas visíveis.

Três mil anos nos separam de um território e de um quintal mais amplo,

onde cabras mitológicas pastavam na insegurança das guerras. Os arados de Roma fizeram cumprir, então, os libelos do tribuno: *Delenda, Cartago*. Séculos depois, com a Nova Fenícia plantada ao longo do mediterrâneo oriental, os viajores que estavam em nós trocaram o deserto de areia pela proteção da montanha. E à margem desse mar translúcido os nossos avós cultivaram as hortaliças de cheiro e o tomate selênico, entre pedras e raízes.

Os invernos ensinaram-lhes as artes da formiga; e os verões despertaram, neles, a recompensa do canto e da dança. Apesar de todas as perseguições históricas, dos assírios aos turcos, a paz voltaria afinal sob a guarda de um horto doméstico, embora os tambores anunciando o galope das trevas continuassem a percutir os longes, reativando pesadelos, trazendo consigo as paisagens do terror. Uma das últimas faluas do ramo fenício haveria de tocar nas barrancas do Acre, só por algum tempo, enquanto nascíamos, ali, para uma nova missão de sacrifício. Nosso próximo cais seria o de Manaus, cidade a cujo solo haveríamos de confiar os despojos humanos que nos trouxeram do continente asiático. Aí, também, novos quintais frequentamos, em áreas urbanas fechadas. Mas todos, sem exceção, evocativos e serenos.

Num quintal da rua Izabel, o poeta Alencar e Silva acompanhou o suicídio de um jaboti sobre os restos de uma fogueira. No quintal da avenida Joaquim Nabuco, descobrimos a ponte que se estende entre Vésper e o poço de lágrimas que seca dentro de nós. No Jardim Paulista, no bairro do Aleixo, assistimos, vezes sem conta, ao sussurro das folhas que despenca-vam das árvores, e, ao mesmo tempo, ao dueto das aves, em flautas ligeiras adentrando portas e janelas. O labor silencioso revela a dialética dos microorganismos, numa luta constante acima do meramente relativo e do pré-determinado. É claro que não sabemos precisar o grau de dinamização que inventa a cor de um fruto, ou anula um tipo de bactéria.

Contudo, ao rés do chão, floresce e refloresce um pensamento contínuo e sem palavras. Assim, pois, há de ser o quintal definitivo.

DIÁRIO DO APRENDIZ

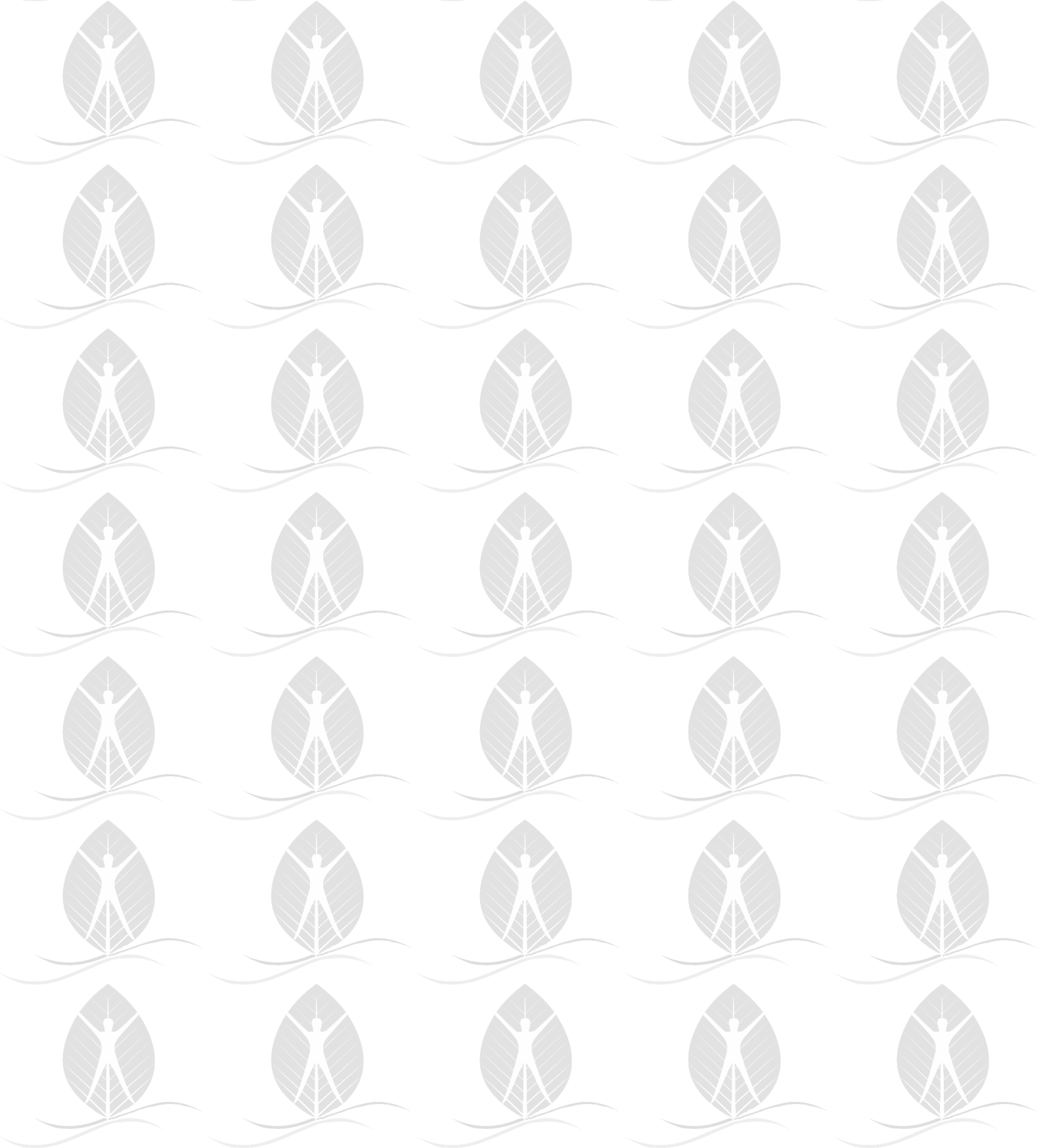
Como seria, de fato, o diário de um aprendiz? Principalmente quando este é intuitivo, sensível a outras esferas do conhecimento, digamos ilógico? Fernando Pessoa relembra que Jesus Cristo nem mesmo biblioteca mantinha. Conhecimento prévio? De certa forma, sim, mas nunca independente do “insight”, sobre o qual a revista “Viver” traz uma série de artigos elucidativos.

O “insight” de que tanto me falava o saudoso amigo Guimarães de Paula.

Haverá possibilidade, quem sabe, de o ar geral de nosso planeta impregnar-se de odores insuportáveis? As metrópoles estouraram com seus esgotos apenas domésticos, as aglomerações urbanas se verticalizam cada vez mais. Até quando a tolerância dos mares, da atmosfera, da vida, enfim?

E agora um choque de culturas absurdamente sintomático como prova da burrice ou da provocação do Ocidente destrambelhado: em nome da democracia, um país europeu ofende o profeta Maomé numa charge de extremo mau gosto. E dizem que em nome da liberdade de opinião. Sem o menor respeito ao sentimento religioso de milhares de islâmicos.

Pois quanta amenidade, apesar do calor. Aproveito o espaço destas ruas centenárias, para deixar algum indício de minha passagem por aqui. Amigos são também aqueles da praça do Ferreira, veteranos do sol, companheiros do luar. Sobretudo poetas. E para que mais?



**ELSON FARIAS,
POETA E
MEMORIALISTA**

*M*ais dois livros com a marca inconfundível do poeta Elson Farias, me chegam de Manaus. Um de poemas – *Semibreves & exercícios de harmonia*, outro de prosa – *Elson Farias, memórias literárias*.

O primeiro atinge seu ponto máximo na recaptura daqueles temas e daqueles momentos que, desde *Barro Verde*, seu livro de estreia, representam os modelos carismáticos da lírica elciana. E assim temos, de novo, mas sob vestes novas também, fatos, paisagens, detalhes e acontecimentos da infância interiorana, agora ladeados pela poética universal das visitas que fez à Europa, entre outros continentes.

O segundo, *memórias literárias*, é o próprio Elson que se desnuda para revelar, com a simplicidade congênita de seus muitos anos vividos, a história de sua vocação para as letras, não se furtando, nesse relato feliz de suas andanças medidas pelo compasso do método e da prudência, ao dever afetivo de mencionar, e até com destaque, contemporâneos do Clube da Madrugada. Sem falar neste, a que ele dá o sentido e a dimensão verdadeira.

Além de memorialista, Elson Farias analisa o clássico fenômeno do choque entre as gerações envolvidas no processo da literatura, tomando como exemplo o Clube da Madrugada e a Academia Amazônica de Letras, ainda quando todos nós, hoje acadêmicos, estávamos longe de aceitar o medalhão simbólico da imortalidade.

Livro bom, didático (sem ser descartável), pensado e sentido dentro de um contexto educativo pobre, mas que tem tudo para repercutir e servir de exemplo a outras unidades da federação. Parabéns ao velho companheiro, parabéns à Valer.

EPISTOLOGRAFIA

Embora poeta manuelino, ou seja, adepto de Manuel Bandeira, aquele gênio que aceitava tudo, forçoso é dizer que o interior de minha infância, no Acre, fora pobre e carente. A lamparina, o panelão e a caligrafia exercitada na escola despontam, na lembrança, como traços marcantes de minha formação um tanto espartana.

Da caligrafia herdei o costume de escrever à mão, cartear com os amigos. A epistolografia, até hoje, ainda me apaixonava. Com o advento dos computadores, entretanto, acabei perdendo terreno para os e-mail da vida, e o resultado de minha resistência à engenhoca espacial desses digitadores de quimeras, custou-me o sacrifício de passar, talvez definitivamente, para a lista dos mortos.

O calor humano da palavra adubada a suor, já não me alcança mais. Tal um Robinson Crusoe ilhado entre livros, em menos de três anos fiquei reduzido a nada menos que um décimo de amigos que ainda se lembram de meu endereço postal, e então me escrevem. Luiz Paiva de Castro e Gaitano Antonaccio são os mais frequentes.

Assim, para meu consolo imaginário, já me encontro novamente em Sena

Madureira, lá pelos idos de 1942. E então verifico que um lado importante dessa história permite maiores digressões românticas, abre ainda mais o leque das palmeiras bucólicas. É que também utilizavam, ali, os famosos pombos-correios, asinhas do céu límpido para levar e trazer mensagens de amor.

Ainda agora, em determinados matizes do dia, eu repenso estes símbolos da paz e da concórdia arrulhando nos beirais de alguma casa, antes de pousar no *correio*. Até diziam que o namoro dessa forma dava em casamentos seculares. Apesar do insólito, apesar do mistério.

– Menina, como foi que você marcou esse encontro?

Confusa, a moça olhava para o pai, que, por sua vez, deixava-se embalar por suas próprias lembranças. E ponto final.

EU, NASRUDIN

Assis Almeida e Alexandre Bortoletto editam, pela *Premius*, uma das mais antigas recolhas de histórias-ensinamento da humanidade oriental do nosso planeta, sob o título acima, na qual suas fotos aparecem, nas duas abas do livro, sorridentes e vitoriosos. O que não é para menos.

Ocorre, no entanto, que esta não é a primeira edição das *Estórias de Nasrudin* a aparecer no Brasil. Pois, além do exemplar de uma delas que me fora emprestado pelo mestre Marco Antônio Rosa, cujo nome acabo de mencionar, as edições *Dervish* do Rio de Janeiro também publicaram os *Contos de Ensino do Mestre Sufi Nasrudin*.

As *Histórias da Tradição Sufi*, um outro volume do mesmo gênero das edições *Dervish*, de 1993, nos fazem sentir, em vários trechos, a presença viva desse grande persa, ou turco, tenho lá as minhas dúvidas, tão mais próximo de Omar Kahayan do que os supostos mulás da vigilância indormida.

Numa outra sequência menor, tenho encontrado nas livrarias do Sul e do Sudeste do País, trabalhos de Nasrudin como este de Assis Almeida e Alexandre

Bortolletto, coincidentemente ou não com dois autores abertamente inscritos, vindo, a seguir, o nome de Nasrudin como se se tratasse de uma curiosidade arqueológica. Em nenhum desses textos, contudo, há qualquer indicação das fontes consultadas, tradutores etc.

Enfim são contos, estes, do fabulendário sufi, em nada favoráveis ao recurso das perigosas adaptações de época ou por meras circunstâncias. A alegação de probidade não exclui o ônus da prova.

Um conto explicando como um conto pode funcionar, é uma coisa; o que não se pode, nem se deve, é reduzir a eficácia do ensinamento em proveito da diversão.

FILOSOFIA

Ora, leitor, se “o tempo não é outra coisa senão a duração da criatura” (Paul Foulquié, 1967) vale também como hipótese que “el espacio y el tiempo no son más que las formas em que ocurre necesariamente mi intuición humana de lo que es, que, por tanto, no eram inherentes al mundo sino a la índole de mis sentidos” (Martin Buber, 1985).

Aí ficam, bem explícitos, dois fragmentos de antiquíssima leitura: o primeiro foi tirado de um estudo sobre Bergson, e o segundo do livro de Martin Buber, um esboço de antropologia filosófica. Ainda assim, apesar dos avanços, espaço e tempo ficam mais à vontade quando em poder dos dançarinos Wully (a física quântica) ou do estranho pensamento, segundo o qual nós “chegamos demasiado tarde para os deuses e demasiado cedo para o *Ser*. Deste, o homem é poema começado” (Martin Heidegger).

Para mim, no entanto, se tais categorias deixam de estar a serviço da felicidade do homem, de nada valem no passo a passo deste a caminho de sua própria evolução, do amor e daquele outro poema que, além de si, possa atingir a unidade possível entre a continuidade do chão e a descontinuidade dos sonhos.

Por enquanto, é o limite.

FORTUNAS

Fortunas podem ser livros, amigos, retiros que a sorte nos dá. Elas podem, também, manifestar-se por intermédio de alguma loteria. São muitas, portanto, as vias de acesso ao que pode ser um meio para atingir a felicidade.

Acontece, porém, que muitas vezes, enquanto lutamos por alcançar uma única meta na vida, ou seja, uma loteria, outras benesses, que não o dinheiro de milhares de irmãos miseráveis, estão vindo para nós em forma de saúde, discernimento, compreensão etc.

E nunca podemos afirmar que elas não sejam benéficas, duradouras, além de nos alertarem para a ilusão do jogo, da luxúria, das conversas sem futuro.

É justo sonhar, e o sonho de olhos fechados ajuda, por alguns instantes, a resolução de problemas tão nobres quanto humanos.

Mas nunca se deve ausentar-se daquelas compensações que interferem nos insucessos, nem perder de vista a quase impossibilidade da conjunção de seis números numa tabela de sessenta, a menos que isto possa acontecer.

A sorte no jogo não é sorte. É quando o impossível acontece.

FRAGMENTO

III

Ó vazio, a margem, o silêncio, a pausa, a transição.

Atitudes, normas orientais de agir, de ver e olhar.

São ingredientes, hoje, da ensaística à luz de textos que já teriam passado em branco por milhares de expectadores (da arte, da literatura etc), que ainda estavam sob os fortes clarões dos holofotes direcionados.

Escreve Jean-Michel Rey, traduzido por Ruth Silviano Brandão, in SLMG, 2005, n.º 1285, citando Matisse: “Notei que nos trabalhos dos orientais o desenho dos vazios deixados em redor das folhas contava tanto quanto o desenho mesmo das folhas”. O espaço, para os orientais, tem a ver com o significado. Enquanto o tempo é o pleno, o cheio, a utilidade, enfim, o ocidental não faz a diferença entre as coisas.

Daí ter-me lembrado de Aluísio Sampaio, nosso querido líder do Clube da Madrugada, também à frente da página literária que se mantinha no “O Jornal” da empresa Archer Pinto, em Manaus. Estávamos então na década 50. Aluísio, no empenho de substituir os precários cíceros utilizados pelo sistema de

caixas e linotipo, resolve apelar para os tacos de madeira, medidos por ele mesmo e mandados serrar por um marceneiro. Ora, foi um sucesso.

E a página do CM passou a valer-se do espaço gráfico na diagramação dos textos literários e poéticos ali divulgados, numa parelha que viria a se tornar famosa com o não menos famoso Suplemento Literário do Jornal do Brasil, dirigido por Mário Faustino, na década de sessenta.

Aluísio Sampaio tornara-se um mito. O afeto em pessoa.

GAMBIARRA

Raízes imediatas, como as que se plantam na terra em que nascemos, devem, sim, guardar um pouco da seiva de raízes anteriores, ou, simplesmente, com mais força, daquelas que ficaram no lugar do nascimento de nossos genitores. O mais-além, dos progenitores para trás, são janelas pensativas que se debruçam sobre vales, planícies, montanhas e rios ainda completamente desconhecidos do homem.

Por tais motivos, a única viagem concreta que podemos realizar ao seguirmos essa voz que nos guia em direção de nossas raízes, só tem um destino: a aldeia onde nascemos. Abro agora um parêntese para lembrar o belíssimo romance de Maria de Lourdes Hortas, *Adeus, aldeia*, prova maior deste sentimento telúrico, capaz de sobreviver aos habitantes de uma comunidade, fundir-se ao isolamento e à solidão de suas últimas ruínas.

Um dia, porém, quando a maior parte dos códigos genéticos já estiverem acessíveis a uma filmagem desses caminhos que poucas vezes se interrompem, na vida de cada um de nós, uma outra sequência de aldeias e fatos novos poderão ser creditados ao nosso “currículo” terrestre.

Pesadelos, atos gratuitos etc., sem falar nos amplos domínios das revelações espíritas, poderão ser melhor entendidos à sombra de tetos diferentes, alfarrábios, dialetos. Talvez, aí, se mude o conceito já bastante arraigado segundo o qual é para a morte que todos caminhamos.

E daí? qual é o problema?



GLÓRIA, 90

Entusiasta de minhas produções literárias – como era, também, Henrique L. Alves, – solicitou-me Pedro Nava um lendário poético da Amazônia, que nunca cheguei a fazer. Mas nem por isso ele retirou, da parede de seu apartamento, a moldura que exibia o *Menina de Olhos Verdes*, poema de meu livro de estreia, em 1956, com *Varanda de Pássaros*. Insistia, até, no pedido. A José Olympio Editora, nesse tempo, teria inclusive publicado meus livros de poesia, devidamente “autorizados” pelo notável poeta bissexto dos anos trinta, cujo único poema, *A Cachorra*, sempre contou com a preferência de bons leitores do gênero, ainda que a singular antologia de Manuel Bandeira tivesse ficado na primeira edição.

E assim foi. Do *Bau de Ossos* ao *Galo de Trevas*, e algo depois, meu contato com Pedro Nava fora constante, assíduo. Eram cartas e mais cartas. Quando viajava para outro Estado, apressava-se em dar-me suas linhas de retorno. Trocamos ideias e livros. Mais livros que vinham, do que livros que iam. Para mim, Nava era um gênio modesto, que até certo ponto não ligava pra isso. Basta dizer que só nos finais de semana ele dava de recolher esse

fluxo inusitado em que sua história pessoal tanto acrescentaria à própria História do Brasil.

Poemas, crônicas, receitas, ensaios, podem ser extraídos de suas páginas inegavelmente belíssimas, onde Minas é o brilho, o pecado e a grandeza de nossa cultura, sob múltiplas formas. Tudo quanto ele sabia ou pensava, cristaliza-se na postura escorreita, sentimental e descontinuada de seus livros de memórias. Nem uma formiga, sequer, escapa de suas lentes prodigiosas no trato do pomar caseiro, da vida literária ou da vida doméstica confinada entre quintais, muros, janelas e montanhas.

Na Associação Brasileira de Imprensa, em certa vespéral carioca, Nava desabafou: - Tufic, até parece que a gente só vem aqui pra saber quem morreu ou está pra morrer! E os velhos ficam a perguntar uns aos outros se estão tomando aquele remédio... É incrível quando já passamos dos vinte anos.

Glória, 90.

Veio uma angústia de cima, pelos ombros me agarrou.

Terá sido este, afinal, o momento fatídico em que o princípio do poema coincide com as extremidades do homem?

HOJE É HOJE E SÓ HOJE

*B*em a propósito. A consciência de estar, a leveza do ser. Mas nada existe além disso. O todo mais redundante em compromissos sem qualquer sentido prático, teórico ou fundamental. A liberdade que te resta vai ser repartida com as longas horas de indisposição para o sonho, seja ele mundano ou espiritual. E a própria vida, ela mesma, torna-se breve para tanto amor. Ou tanta vida.

Deste modo, o título deste fragmento ecoa onde quer que estejamos, desde que lúcidos para o fato de existir. E quanto apelo não contém para a vida este nobre sentimento que nos torna, pelo menos provisoriamente, donos de alguma coisa.

Pois esta é a primeira morada. A gente até que demora saber que habita um corpo como quem habita uma casa, embora que sujeita ainda às intempéries e ao risco de sucumbir ao relento, posto que tudo: sol, chuva, paz, sustento e amor, dependem da solidão ou do bulício que nos rodeia. Sobretudo de um certo momento angular em que vimos de ser o que somos, ou deixamos de ser.

A loteria começa antes de tua maturidade para o jogo da vida, muito antes, aliás, de saberes que, segundo a intuição de sufi moderno, as letras ficaram com Deus e os números com o Diabo.

JESUS, O MÉDICO-MESTRE

Confesso que, apesar da velha amizade que me liga ao veterano escritor libanês Mansour Challita, *Jesus, o Filho do Homem*, de Gibran Khalil Gibran, traduzido por ele para o nosso idioma, somente agora me chegara às mãos, egresso todavia, de uma antiga edição da famosa Associação Cultural Internacional Gibran. Mas a busca de tal relíquia não pode cessar antes que um outro tesouro, este de Nasrudin, complete a estante de minhas preferências literárias do tipo umbilical.

São dois extremos. Ligados, no entanto, por um mesmo fio de sabedoria inimaginável fora daquela esfera de bálsamos eternos do Oriente esquecido, pese embora sobre estas obras o saque dos Coelho e Paulos, cuja única virtude é a insônia que tanto cultivam contra o sono dos louros conquistados.

Ganha o Ocidente, com este *Jesus*, várias formas outras de ver e sentir o drama do Cristo, sendo uma delas com a hipótese de inúmeros testemunhos sobre o Filho do Homem, no corpo a corpo daquele antigo cenário evangélico dos tempos de Herodes.

E aqui, entre tantas surpreendentes facetas de Jesus de Nazaré, há o Mé-

dico-Mestre na doce palavra de Filemon, segundo o qual “Nenhum outro homem compreendeu tão bem nossos corpos e seus elementos e propriedades”.

São páginas que, embora sofridas pelo trânsito das línguas, ainda hoje recendem ao mais puro incenso de todas as Marias do Novo Testamento.

Orgulha-me, porém, o depoimento de Cleofas de Batrun, terra de meus antepassados. Jesus esteve lá, com toda a certeza. A tristeza e o sorriso andam sempre juntos nessa prosa calcada sobre pétalas murchas e córregos alertas.

Impossível, contudo, escolher um texto em detrimento de outro. Todos são belos, perfeitos, e até que podem, se for o caso, apontarem motivos e caminhos que tornem ainda mais aceitável a palavra divina.

Agora, me perdoem os leitores.

A crônica de *João em Patmos* extrapola de qualquer limite. Tenho chorado nas vezes que a relembro. Deixa pra lá o tema, ou seja, a fome de Jesus saciada em João, numa viagem rotineira pelo deserto, enquanto Aquele comia outro fruto, de uma outra árvore.

Filipe, na voz de Filipe, acrescenta que quando Ele morreu, toda humanidade morreu.

Ora, enfim, o riso de Jesus foi mais alegre do que o riso de Pan.

LEMBRANÇAS DA SERRA DO LUAR

*L*uarês é o tchan do infante lunar Martin.

“Homo consciens anunciador do Homo Consciens”.

Advento do HC: 39.14.2095.

Luarês é o idioma das crianças na Serra do Luar; o verde que ondula no branco das pedras lisas, varridas e mansas pela voz das cirandas.

O luarês é lido e escrito em qualquer língua. Segundo Martin, é uma gíria mental que ensina a enxergar ligeiro e claro dentro da cabeça e a usar a cabeça até brincando – em qualquer idioma – basta adiantar uma letra escrevendo ou falando e atrasar uma letra ouvindo ou lendo.

Em letras luarenas o traço lembra a letra. Mas há uma dança e um movimento circular em todas elas. Como todo brinquedo, o luarês não deixa nem se deixa parar: C,), _ , / e outros sinais que a máquina não pode reproduzir, imitam a remota estrutura matriz de todos os códigos escritos pelo homem, agora, no entanto, reproduzidos na simplicidade do lugar, assim: (e Martin vai aplicando os seus verdes com as tintas da Serra. A Serra do Luar).

Se pudéssemos ouvir as cantigas das crianças luarenas, decerto veríamos que tudo, do simples ao complexo, da flecha ao robô, do arco vegetal ao míssil, começa de novo. Mas ali, superar é superar-se. É o tempo-que-vem, não o que foi. E o brinquedo das letras cobre a frase que a máquina escreveu. RUMO AO TEMPO DO “HOMO CONSCIENS”.

Campeiro e serrano, eu conheço um dia Martin, no avesso das tintas bucólicas: ele morava numa antiga rua de São Paulo, Centro. Paredes forradas de estantes, estantes repletas de livros. O antierudito serrano-campeiro traduzia, na época, os joyces da vida, ensinava a penetrar nas Gerais pela astúcia do viver esquecido. E o jovem Guimarães Rosa, seu amigo e ouvinte, deve ter aprendido, com ele, o atalho que submete o dicionário ao falar sertanejo. A marca Martin, a criança Martin da serra do Luar, anda, portanto, e frutifica por aí; saíram dele e da Serra do Luar a fala e a desfala por conta da travessia. Ele gosta que seja. Glórias não têm nome.

Assim o vejo, agora que ninguém mais sabe informar de seu destino. Ou a posição geográfica da Serra, em cujas ondas serenas, de pedra branca e de nuvem, ele terá pousado com seu balão de alfazemas.

– Quer ler luarês? – pergunta-me ele nessa mensagem de 28.3.1983. Tudo tem o seu tempo-do-antes. Hoje estamos no do antes-de-amanhã – o passo a mais de quem anda. Martin, martin.

LEMBRANÇAS DE FERREIRA DE CASTRO

Há uma herma de Ferreira de Castro na praça Heliodoro Balbi, em Manaus, homenagem da União Brasileira de Escritores (UBE-AM). Nos interiores amazônicos por onde andara e sofrera este homem, devem resistir ao tempo os seringais de sua juventude. Mas há, também, um prédio na rua Marechal Deodoro, com a placa em bronze da veterana firma J. G. Araújo, que simboliza todo esse período econômico de grandeza e baixaria tão bem descrito por Antônio Loureiro, em seu livro *A Grande Crise*.

Numa dessas portas do vetusto escritório adentrara, com certeza, o Ferreira de Castro menino a que se refere um outro escritor do Amazonas, Abrahim Baze, na obra intitulada *Ferreira de Castro, um emigrante português na Amazônia*, possivelmente em busca dos primeiros contatos para conseguir trabalho. Terá, contudo, desistido, indo bater numa outra porta, dessa vez a do Comendador J. B. Aragão. Quis, no entanto, o destino, que ele seguisse viagem até o rio Madeira.

Algumas fotos, sempre repetidas, documentam o itinerário do autor de *A Selva* a partir do navio *Justo Chermont*, o Porto de Manaus, a avenida Eduardo Ri-

beiro, o Largo da Matriz, casas aviadoras, armazéns de beneficiamento da goma elástica, a produção da borracha nos seringais, tudo ao lado do escasso relicário afetivo deixado nos beiradões, gente humilde após uma caçada e porcos-do-mato estirados na lama.

São estas as facetas exteriores do escritor. Em seu íntimo, porém, cresciam os contrastes e avolumavam-se as imagens destinadas a transformar os aparentes fracassos em retumbantes sucessos literários. A vida sabe para onde joga, e as coisas também sabem acontecer. O que seria dos injustiçados e da literatura amazonense, se Ferreira de Castro tivesse conquistado um título de seringalista ou dono de casas aviadoras? Ou, em última análise, um canudo de bacharel em Direito?

Não sei por que, mas sempre acho que sua vida e seu sofrimento ainda circulam nos ares de Manaus, valorizam os monumentos históricos. E qualquer fotografia dos horrores dos seringais, tem muito a ver com os textos (conhecidos ou não) que ficaram de sua longa e produtiva carreira de escritor.

MÃE D' AGUA

Esta heroína dos Manau, filha de Kaúna, tuxaua da tribo, chamava-se Dinahi.

Contam que era valente, cuja habilidade na guerra superava a todos os demais, quer fossem homens ou mulheres.

Uma prova de sua valentia foi ter escapado aos Mura, donos de ferocidade tamanha que servira de tema ao poema épico *A Mubraida*, escrito pelo oficial de milícias João Henrique. Dominados pela inveja, seus irmãos tentaram matá-la, mas foram abatidos por ela com certeiras bordunadas. Evitando a ira do pai, Dinahi resolve fugir.

Kaúna, tendo jurado eliminá-la, não cessa a perseguição. Vareja os outeiros, achata o fundo dos vales, detém cascatas, prolonga a fome das corujas, requisita vaga-lumes, proíbe que durmam ou apaguem suas lanternas.

Luas, porém, rolaram, mãos de guerreiros experientes foram postos nas suas pegadas, morreram pelos caminhos. Mas a vigília protetora de Dinahi já secura seus olhos, deixando-a cair no sono para ser prisioneira.

Kaúna mandou, então, que a lançassem do alto de um lugar denominado

Lajes, a poucos quilômetros de Manaus. Lá embaixo, o deslumbrante encontro das águas, Solimões e rio Negro, abre-se em duas metades para receber o seu corpo e levá-lo até ao fundo dos peraus insondáveis. Flutuaria, a seu tempo, numa espécie de claridade dividida, por sua vez, entre mulher e peixe.

Quem, até hoje, não a vê ou escuta os seus lamentos numa hora qualquer da madrugada, quando tudo aconteceu?

MAMEDE, O DERVICHE

Conheci o derviche Nasrudin na pessoa de um seguidor deste sábio que chamavam de turco, nas ruas de Manaus. Foi há muito tempo, não importa o ano.

Ele atendia pelo nome de Mamede, trabalhava com lajes, dormia, se é que dormia, ninguém sabe onde. Calçava um tamanco bastante rústico, vestia roupas grosseiras, umas sobre as outras, as de dentro comumente esfarrapadas.

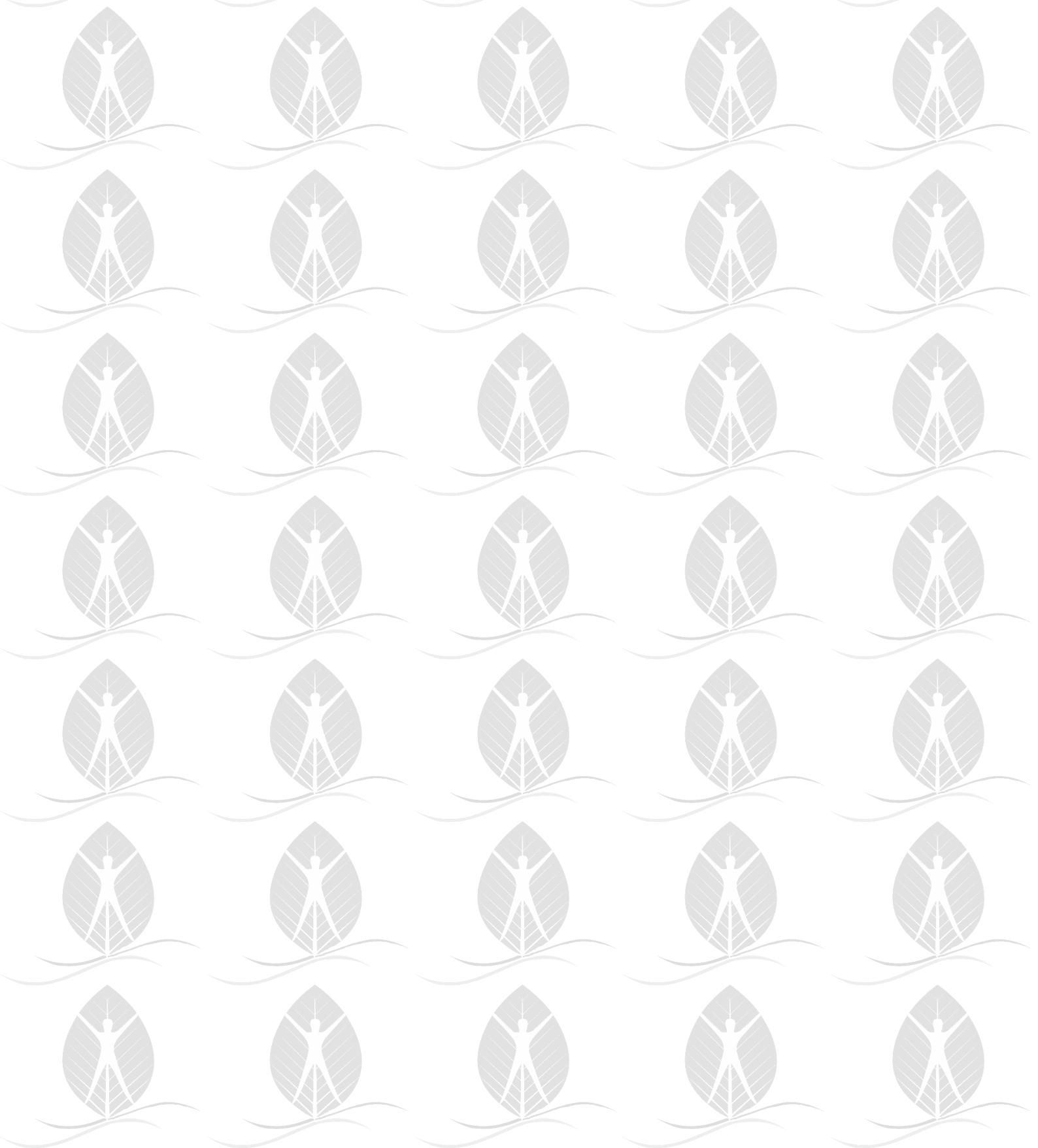
Mamede crescia ou se agigantava, também, com os acréscimos de camadas de madeira ao tamanco, parecendo curvado sob o peso dos séculos, ausente de tudo, ausente de todos.

Ao longo de dez anos cruzando com ele naqueles trechos da Quintino Bocaiuva e Dr. Almino, no entorno do famoso Igarapé da Bica, à margem do qual plantamos nossa casinha, jamais trocamos uma única reverência, quanto mais um olhar.

Mamede tinha os braços e as mãos livres, mas nunca levava ou trazia qualquer objeto consigo. Lembra-me apenas do embalo do corpo, à esquerda e à direita, sempre abstraído de seus arredores. E as estórias de Nasrudin?

Nem de Nasrudin, nem de Mamede. O anonimato de Mamede, ou

de Nasrudin, evolui, nos tempos modernos, em sabedoria e prevenção: que saquem disto (os aproveitadores das estórias), novas estórias, só que estas já não terão palavras como guias; andrajos, sim, para revestir a indigência intelectual de alguns mediócrs caçadores de pérolas.



MANÉ GARRINCHA

Garrincha foi um daqueles jogadores de futebol que chutava, na bola, o próprio mundo “que espanca e machuca” os seus irmãos poetas; e sabia recolher, por meio do aplauso geral de milhares de brasileiros, os *flashes* da glória que se transformara no tormento de quem desperta de um sonho, no meio do estádio vazio.

Mas nem por isto ele aceita, ainda lúcido, o desafio de volver à situação trivial dos caminhantes sem rumo, preferindo imaginar-se o ídolo de sempre, embora desfeito pelas circunstâncias adversas da arte e da vida, simples entraves, contudo, diante de um passado no qual os dribles insólitos do craque jamais deixariam de fazer a alegria do povo.

Assim, poucos talvez lhe tenham reconhecido a ingenuidade como um traço positivo de seu caráter, subvertendo as regras convencionais do gramado para ser ele mesmo, no livre desempenho de todos os recursos físicos que lhe poderiam garantir o sucesso de uma cobrança, de um gol de cabeça ou de um chute vitorioso fora de área.

Ao contrário do que afirmavam comentaristas, o herói de duas Copas não

se deixara sucumbir, nem que todas suas forças se esvaíssem, tendo desprezado o ostracismo em favor do sorriso. Em verdade, porém, ele fora levado a esse extremo pelo tratamento desumano que os técnicos daquele tempo costumavam dispensar aos jogadores “estranhos” ou “diferentes”, vacinados, portanto, contra os testes psicológicos e as noções regulamentares que dividem o tempo e nivelam as equipes.

Garrincha, esse menino velho de antigas peladas suburbanas, entrou para a história do futebol sem perceber que o título somente de campeão não ampara na miséria, nem salva da solidão, principalmente numa época em que a figura clássica do atleta, do Adônis, ainda era reclamada nos cartazes da mídia. E o mulato esquisitão, introvertido e rebelde, nunca se prestaria nem mesmo para ensinar a sua arte de jogador, nele porventura muito além de um simples método que se adquire na prática, porque já nasce com a pessoa.

Futebol, para mim, só tem presença visível em certas fases da Copa do Mundo; naquelas, sobretudo, que mostram o confronto da Seleção Brasileira com seja lá quem for do outro lado das lindes geográficas. Apesar disso, não me furto em seguir a carreira, meteórica ou não, de jogadores que desde o início se revelaram os maiores, sem os quais nenhuma atividade seria tão perdurável como tem sido este esporte em nosso País.

Garrincha foi um destes suportes. Com as pernas tortas, conseguiu este mártir o que muitos outros jamais conseguiram de porte esbelto, obedientes e faceiros. Estreou na vida a chutar e a driblar com essa curiosa miniatura do globo terrestre, cujos segredos raro oferecem um ângulo concreto senão para aqueles que já trazem, de berço, a força de vontade que faz descobri-los e dominá-los. Garrincha foi lá. Recolheu-se, após, ao que não fora decerto um verdadeiro recolhimento ou castigo em virtude de humanos insucessos, muitas partidas e merecidos prêmios. Dobrou-se ele, isto sim, aos tremendos “chutes” que lhe de-

ram, recebendo de volta os incontáveis que lhe proporcionaram, durante alguns anos, fama e riqueza, negando-se, por opção, a encarar o mundo e a realidade frente a frente.

Mané Garrincha entrega-se à bebida, morre cedo. Num gramado de nuvens, o craque se volta para trás, e despacha um sorriso. A manhã de sol penetra na favela mais pobre do Rio de Janeiro, onde o brilho desse momento vai ser uma bola de trapos. E a centelha do gênio, parece que fica a seu lado.

MÚSICA

Entre o *andante cantabile* (CD) e um solo de avena (K-7) que o poeta Yacilton Almeida gravou para mim, subo às estrelas que me são permitidas nesse voo isento de paraísos ou alquimias celestes, mas pleno de ternura ao ver-se ainda no chão, agora transfigurado em todas as praças do universo.

É a pura melodia, esta que se gruda nas asas do momento que passa, afina-se mais enquanto morre, dilui-se no eterno. O *andante* se estabiliza nos mais secretos movimentos da alma, instaura, ali mesmo, um sentido maior para a vida, nos faz sorrir entre as notas voláteis que buscam o solo numa dança de outono.

A avena é algo que suga e torna audível o coração pastoril dos silêncios represados, das pausas que dão pausa ao mundo. Ao cuidar-se de qualquer tarefa, a música não fica ausente dos frequentes obstáculos que, logo, parecem resolvidos. É a única arte, aliás, de que a poesia nunca prescinde.

Uma questão de exercício.

O ANO DE 2006

Ainda bem começa o novo ano par de 2006, o alvoroço humano diante do evento só tem levado centenas à morte por acidentes que vão das estradas aos excessos de álcool, entre outras drogas, sem contar outro tanto devido a brigas, suicídio etc.

A tensão nessa faixa de expectativas e comemorações tem aumentado ano para ano, algo associadas apenas ao desejo de consumir, gozar o momento que passa. Ficam para um segundo ou terceiro plano os sentimentos cristãos, principalmente estes, a que raramente se destinam retiros bucólicos cada vez mais distantes das pequenas e grandes cidades.

Lembra-me de um calendário antigo, em cujo primeiro de janeiro lia-se uma frase que até ali parecia fazer algum sentido: confraternização universal. A emoção transmitida era forte. Nós, meninos, ficávamos a ver como os homens se abraçavam, dando a nítida impressão de que todas as diferenças teriam ficado para trás, e que, dali para a frente, a paz e a felicidade estariam plantando rosas e trigo sobre os campos de batalha.

Estas efemérides, contudo, pouco ou nada avançam em direção aos rosais

infinitos de nossa boa vontade, tampouco fazem crescer os pendões abençoados do evangelho, prevalecendo o rancor da usura em lugar da renúncia, do trabalho coletivo e do canto solidário ao final de cada jornada.

De qualquer maneira, feliz ano novo.

O BUSTO DE MANUEL BANDEIRA

O ano de 1958 foi um dos mais pródigos de minha atividade como pseudo colunista literário, pois mantive, nesse ano, um vistoso rodapé no *Jornal do Comércio* de Manaus, sob o título abrangente de *Literatura & Arte*. Se valesse a pena, dariam um bom volume os comentários sobre Ferreira Gullar, Ezra Pound, Nauro Machado, Eduardo Portela, entre muitos outros. Pinçarei, na medida do espaço de uma crônica, casos como este de Manuel Bandeira (uma história de espantar):

No Recife, terra de Manuel Bandeira, quiseram admiradores do poeta erguer a sua cabeça em lugar público. Como não poderia deixar de acontecer, algumas nulidades chefiadas por um tal de Melo, acharam que a Constituição pernambucana era contra a iniciativa. Numa crônica saborosa, tão a seu jeito, o celebrado pasargueano se aproveita do fato para glosá-lo. Bandeira começa declarando não ser “digno nem de enfiar o nariz na posteridade”, quanto mais a cabeça ou os peitos, encostando, aos poucos, o atrevido na parede. Melo repete que a Constituição pernambucana proíbe a ereção em logradouro público de estátuas de pessoas vivas.

Está errado: o que a Constituição não admite é que se dê nome de pessoa viva a rua ou praça. A nobre campanha de Melo se funda nesta falsa ilação: se não admite nome em rua, ainda menos admitirá estátua.

Na qualidade de antiparnasiano, Bandeira controla as emoções que lhe suscitam os veementes, num sentido de completa recusa às homenagens de cunho imortalizador. Nesse ponto ele é um pagão porque não metafísico, preferindo a risada estridente do grego Demócrito à sisudez marmórea de Aristóteles. Apenas seu riso é velado, discreto. De quem pode “sentir a delícia das coisas mais simples”. E de quem sabe que os epitáfios, como os nomes, também se apagam.

Mas dar uma cabeça ao poeta maior daquele Estado, seria um dever. Pernambuco do berimbau e do *Mafuá do Malungo* deve-lhe essa homenagem. Mesmo numa terra onde tudo está errado, terra onde as injunções políticas transformam deputados graçolas em patronos de ruas e avenidas. Afinal, deixemos ao Melo de Pernambuco – não o Pernambuco de Bandeira, mas daqueles que interpretam o texto da Constituição com base, apenas, em seus mesquinhos recalques pessoais, esta quadrinha de boa redondilha assinada pelo Raul de Maranhão:

Nem todo Melo é maluco,
Mas esse o é de tal maneira,
Que não quer que em Pernambuco
Se erga o busto de Bandeira.

O DILÚVIO DOS TUKÂNO

Conta a lenda tukano sobre o princípio do mundo, que do nada brotara a mulher. Ela surgira como por mágica: tudo, no início das coisas, fora criado por meio de aparições, transformações de objetos como enfeites, bancos e panelas em seres humanos e utilidades domésticas.

Várias, incontáveis histórias, portanto, narram com detalhes que parecem codificar segredos guardados pelos mais antigos, esse movimento do caos em busca do universo ou do cosmo. De certo modo, todos os povos tiveram sua bíblia e são diversas as coincidências com a Bíblia Sagrada.

Trata esse conto do drama vivido por uma tribo do rio Caiari, a qual, para satisfazer às exigências de uma piraíba, de sete em sete anos, em noite de lua cheia, dava-lhe em sacrifício uma criança.

Nisto, cadê? Esgotou-se o pequeno contingente de mirins, restando apenas o filho do tuxaua, futuro chefe daquele povo.

Não vendo outra alternativa senão entregá-lo à voraz pirapitinga, como também é chamado esse peixe, decidira seu pai ensiná-lo, com a ajuda do pajé, a afiar os dentes para que ficassem iguais

aos da piranha vermelha. Adestrou-o em seguida o feiticeiro a utilizar as presas nas cascas das árvores e no couro dos animais, rompendo-os até o âmago, no caso das árvores, e até às vísceras, no caso dos animais.

Saída a lua que veste o lençol dos sacrifícios, chegara também o momento da cobrança. O curumim foi engolido, mas, reagindo conforme as instruções recebidas, sem perda de tempo passou a arrancar nacos dos órgãos internos do enorme sirulídeo, rompendo-os sem dificuldade.

Nisto, porém, os céus desabaram. As águas sobem, os trovões ribombam. Raios intensos cruzam o negrume que logo se fizera, acontecendo o que mais se temia: um verdadeiro cataclismo. Em poucos segundos tudo desaparece na convulsão tormentosa: gente, bichos, plantas, casas, tudo enfim.

Já não existia mais vida sobre a Terra.

A piraíba agonizava, debatia-se no meio das ondas. Logo, entretanto, expondo o ventre estraçalhado para cima, aí morreu.

O cataclismo reflui, termina. Escapando pelos rasgos produzidos por ele na barriga do monstro, o filho do tuxaua verifica ser o único sobrevivente daquele estranho pesadelo. O único, não: pela mesma abertura donde saíra para respirar, sai voando um belíssimo casal de pássaros, cujas penas reluziam entre as cores do arco-íris. Eles tinham o papo branco e os bicos avantajados.

O menino cresceu e ficou conhecido pelo nome de Buopé, o maior dos tuxauas entre os milhares que tiveram esse posto, na hierarquia da selva. Seu nome ecoara por vales, serras, cachoeiras e bosques floridos.

O Caiari deixou de ser o que era, mudou para *o rio de Buopé*, atualmente denominado de Walpés. Aqueles pássaros de que falamos, tomaram forma de gente. Gente-peixe, gente-anta, gente-trovão, gente-onça, gente-espelho-da-lua, gente-do-dia e gente-da-noite.

Os tukâno são gente-da-noite.

O IDIOMA, A HISTÓRIA

O “insigh” é um atributo da intuição. O deslimite, quer dizer, a descoberta e a pronta incorporação de uma força extra, inesperada, que vem em nossa ajuda, este fenômeno é raro. Mas, acontece. Dante, com *A Divina Comédia*, pode estar nesse caso. Einstein, idem. Não é fácil identificar a extensão do benefício depois que o sonho se banaliza, torna-se real.

Entretanto, reparem que o acaso não conta nessa tentativa de separar o possível do impossível (ou do quase impossível), inclusive as tantas dicas que ficam bailando, em nosso cotidiano, entre as manifestações analógicas e o sentido lógico da pesquisa ou da simples conferência de experimentos a médio ou longo prazo.

Tudo mais ou menos parecido com a gestação de um poema. A desvantagem da ciência, ou da arte diante da ciência, é que o lado poético, a poesia, desnuda e plena, deixa de ter a sua parte no atalho em que os dois extremos podem se abraçar.

É, contudo, desse encontro ou dessa integração, que surgem (brotam) tanto as delícias do idioma quanto a vontade de esquecê-lo.

O INCA

*D*eu-se que amanhecia. Onde? Para aumentar seu espanto, como nunca antes se havia mirado ao espelho de alguma coisa, deparava-se ele com as estranhas visões de uma cidade que ainda tinha habitantes. E o mais surpreendente: eram figuras de cera, mas dotadas de bocas, pernas, cinturas, barriga. Não podiam, contudo, enxergar o que lhes viria pela frente, embora o tempo anterior de suas vivências consternasse pela visível melancolia dos trajes provisórios.

Falavam, quem sabe, um dialeto formado pelas últimas sílabas de Ur, ora lembrando os bipes da Internet, ora tomando por empréstimo os falares dos índios sonhados pelo Curt Nimuendaju. Chegara a ver um menino seguido por um cãozinho; e, mais além, um casal de estátuas cujo autor vendia balas de chocolate a turistas de um planeta que, há milênios, chamava-se Terra.

Ladrões de metáforas poéticas davam conta de suas penas cultivando magnólias sobre lajes de basalto. Os amigos do bar, pensara, devem ter-se aposentado das praças públicas, e a rua que procurava estaria agora em repouso, talvez, no lixão municipal das atrocidades urbanas.

Mas ele tinha um encontro e não deixaria por menos localizar a padaria do bairro X, ao lado da qual se instalara um cinema para deficientes totalmente irrecuperáveis, já que as imagens projetadas na tela nasciam de impulsos magnéticos devolvidos ou processados numa central de filtros solares construída em Macchu Picchu, durante o massacre da colonização espanhola.

Macchu Picchu. Como voltar à cidadezinha de Lusara, com tantos séculos de atalhos, labirintos negros de breu, e essa chuva de gotas semelhantes a pepitas de ouro líquido modelando-lhe o corpo, destruindo-lhe a alma?

O PÂNICO TARDIO

Tornou-se mais que evidente o perigo que nos une, ainda apenas virtual, diante dos dois fenômenos ameaçadores do planeta dos macacos: a guerra nuclear e a catástrofe ecológica. Precursores e mestres do conhecimento humano situado na atualidade, apressam o resgate de alguns valores praticamente esquecidos, dentre estes milhares de línguas ágrafas, numa atitude que surpreende pela pressa, como se, de repente, o barco estivesse para afundar-se.

Enfatizam, nas suas entrevistas à imprensa, a importância do contingente indígena amazônico no volume desse balanço histórico. Sabem das perdas seculares. Sabem dos massacres. Só não têm uma noção exata do legado dessa cultura periférica, para mim uma sabença bem maior do que imaginam.

Entristece-me, contudo, a pobreza das citações bibliográficas ao pé de tais matérias jornalísticas, todas, sem exceção, de autores ingleses, norte-americanos, franceses etc. Ou seja, continua a prevalecer o julgamento dos colonizadores, embora que, neste momento, falem um pouco da verdade que jamais entenderam, no curso da história ocidental.

Cadê uma referência que seja ao *Amazônia:10.000 anos*, de Antônio José Souto Loureiro? Cadê a informação armazenada pela Sedeam sobre todo o século XVII, o período colonial da história do Amazonas? Onde a lembrança de autores modernos como o nosso querido poeta Alencar e Silva, Thiago de Mello e o livro que escrevi com o sangue verde dos aguapés solitários, *Quando as noites voavam?*

Para minha geração, foi muito penoso chegar aos limiares da Era de Aquário. Ou será que nunca estivemos acordados?

O SOL NASCE NO ACRE



Sol Nasce no Acre é um senhor poema que imita as “estradas” pelas quais o seringueiro Chico Mendes semeou o orgulho dos “povos da floresta”. Ele é fibra, também, das árvores que testemunharam o ruidoso despertar da Natureza, ao clarão dos primeiros encontros do mártir de Xapuri com as sombras traiçoeiras do latifúndio, nas terras do Mapinguari. Tecido deste modo, o canto solar do poeta ecoa fundo na consciência dos vivos, enquanto aos mortos resgata com sua labareta poética transfiguradora.

Naquele ritmo esquecido de quem desenrola o pergaminho das horas mutiladas, José Alcides Pinto reitera, nesta obra, a inscrição do holocausto numa sístole e numa síntese marcadas para ficar. Ele combate a desmemória do fato social pelo alto significado do evento histórico. Objeto e poesia se enlaçam e se fundem, aqui, no monumento que faltava. A expansão desse ritmo, entretanto, nunca tomado ao acaso das circunstâncias, confere uma dimensão para todos os gestos; o que torna evidente, por assim dizer, as muitas voltas de uma tragédia que em nenhum momento estivera colocada nos estreitos limites de um conflito rural. Chico

Mendes, sol do Acre renascido, ilumina o poeta que, ao gravar-lhe o feito, anuncia a importância de sua grandeza por meio do sentimento que revela o mito, a fome de justiça e a coragem de mãos limpas.

No discurso de JAP, e na contrafala do outro, sente-se, portanto, como é da poesia, e somente da poesia, esse incrível território no qual, trazidos por um momento angular, todos os valores dispersos (e negligenciados) pelas notícias, encontram seu verdadeiro nome. Sua linguagem própria, seu modo último de *traduzir-se*. E por que não dizer seu cheiro, seu ar, seu caule e sua flor? Numa sucessão maior em que os signos verbais parecem desistir, gradualmente, de sua força épica para demonstrar o poema, é assim que vamos reconhecer, na leitura deste pequeno volume, o Chico Mendes das raras e únicas fotografias; mas olhado e visto agora, como nunca antes pudera ter sido.

A leitura do texto nos fizera recordar, também, do ano de 1988, meses antes do assassinio do líder sindical, oportunidade em que revisitamos Sena Madureira, nossa terra de nascimento; e Xapuri, onde um fotógrafo amador fizera algumas tomadas de nós: o Bom Seringueiro apressado e cheio de premonições, como se estivesse a ver o assédio das trevas em torno de seu casebre; e eu, aquele menino velho das margens do Iaco. Já me cansei de escrever pedindo aos amigos algumas dessas fotos, hoje tão necessárias ao acervo da Casa de Chico Mendes, donde, afinal, com a ajuda de meu nobre amigo dr. Miguel Angel Suárez Ortiz, resgatei esse passado.

Daí porque nos dera, este *O Sol Nasce no Acre*, além de tudo, o consolo de que essa história não deixa de ser, também, um grande poema de amor. E que jamais será esquecido. Chico Mendes deixa de ser assunto para arder e salvar, com seu luzeiro de clorofila, sândalo e perdão, o que nos resta de esperança.

OS CEGOS E O ELEFANTE

Entre as incontáveis obras primas da sabedoria *derwiche* está, sem dúvida, “os cegos e a questão do elefante”, cuja versão mais conhecida pertence a Rumi e acha-se transcrita no *Mathnavi* com o título de *O Elefante na Casa Escura*. Ela aparece no *Jardim Amurado da verdade*, por iniciativa de Hakim Sanai, mestre de Rumi, falecido em 1150. O livro é um clássico sufi. Idries Shah, dedicando-se à seleção de textos sufis, coloca entre as Histórias dos Dervixes o famoso conto da saga religiosa dos antigos mulçulmanos, que aparece agora em português, traduzido por Manoel da Rocha Filho, em lançamento caprichado da Editora Nova Fronteira.

A narrativa é curta e enfoca o surgimento de um séquito real na cidade dos cegos, além de Ghor. Com o rei viera um elefante de grande porte, utilizado para causar temor ao povo. Alguns cegos habitantes da cidade precipitaram-se, então, como loucos procurando encontrar o animal, e assim o acharam, passando a tateá-lo.

Cada um pensou saber algo sobre ele, porquanto podia tocar uma parte de seu corpo. Ao regressarem a seu povo, cada

um era dono de sua própria verdade acerca do elefante, transmitindo aos curiosos a informação recebida através do tato e da parte que lhe coube ter ao alcance das mãos. E a moral da história resume-se no seguinte: “A criatura humana não está informada acerca da divindade. Para tal ciência o intelecto comum não oferece nenhum caminho”.

Lembrei-me da história e do livro ao deparar, no suplemento infantil de *A Crítica*, com data de 10.6.1979, o conhecido poema de John Saxe, cujo título é o desta crônica, onde o poeta aproveita o tema dando-nos uma versão modificada apenas quanto à localização da cidade, a condição social das personagens e a moral da história, torcida para a filosofia pragmática dos filhos do Norte. Todo o resto da fábula permanece o mesmo. Inclusive o elefante, as partes tocadas, o diálogo (extrapolado da cidade dos cegos para uma arenga entre mendigos), recurso notório por meio do qual os deficientes referidos no conto original, conseguem defender sua parte da verdade.

Tudo muito bem, até o ponto em que o autor da paródia deixou em branco um princípio de ética segundo o qual deverá ser mencionado, no texto, o nome do autor ou a origem da história, mesmo que a tradição islâmica esteja rigorosamente baseada no lema de escolher o que Foi Dado e Dar o Que Não Podia Ser Recolhido. Os sufis, no entanto, tiveram o privilégio de enveredar pelo Caminho da Busca, sendo justo que os modernos faiscadores de ideias e pensamentos, sejam poetas ou filósofos, indiquem aos leitores o discreto manancial que lhes matara a sede de pesquisa.

Aliás, este vezo de explorar o filão sufi generaliza-se, hoje, em alentados manuais de psicologia, salientando-se, aí, o modo de ver e pensar dos *dewiches*, que servem como testes de raciocínios alheios aos padrões da alquimia e do *mi'râj*. O fato não é de estranhar, vez que as parábolas de Jalaludin Rumi, ao ver de Idries Shah, frequentam os contos de Hans Christian Andersen, a Gesta Romanorum de 1324, e ain-

da as obras de Shakespeare. Sabe-se que a cultura é universal e as influências literárias, inevitáveis. Mas como se pode aferir do valor de cada um desses autores, sem dados positivos sobre as fontes em que beberam?

Eis porque, em certos casos como esse de John Saxe, torna-se obrigatório referir o modelo da cópia. Tendo em vista, sobretudo, que ninguém conhece John Saxe, a não ser por intermédio deste poema sobre os cegos e o elefante. (Publicado em *A Crítica*, Manaus-Am, data de 30.6.1979).

OS DADOS PERDIDOS

Perdi o número de lojas, jornais vespertinos e matutinos, entre algumas grandes empresas às quais, também, prestei meus serviços, a contar de Sena Madureira (Fares & Irmão, Estevão Jorge), Manaus (Loja Vitória, Bady Mussa Dib, Abdon Razac, *Folha do Povo*, *O Jornal*), Rio de Janeiro (Waynes Equipamentos do Brasil S.A) etc.

De minha Carteira de Trabalho do Menor, não resta mais nada. Da primeira Carteira Profissional, obtida em 1951, no Rio de Janeiro, guardo ainda a página da fotografia e da impressão digital. As anotações de meu Registro de Jornalista Profissional, reproduzidas pela DRT-AM na segunda via desse documento, ao lado de um outro registro como proprietário de jornal, são fatos que ilustram meu zelo pela profissão.

Em horários diferenciados do Serviço Público Federal, assumi cargos na Fundação Cultural do Amazonas (da qual fui diretor de assuntos culturais em 1977) e, durante perto de vinte e cinco anos, participei do Conselho Estadual de Cultura, dez dos quais como presidente do órgão. Fui honrado, aí, com a amizade de Gilberto Freire, Josué Montello, Manoel

de Barros, Marcus Accioly, Jorge Amado, Celso Cunha, Pessoa de Moraes, Peregrino Júnior, Malba Tahan, entre muitas outras personalidades ainda vivas naquele período.

Aposentei-me pelo Ministério do Trabalho no ano de 1984, com trinta e cinco anos de serviço, computado meu tempo na Comissão de Estradas de Rodagem do Amazonas, onde exerci a função de auxiliar de topógrafo.

Este mar seria de rosas se eu não tivesse sido destituído do Conselho Estadual de Cultura, em pleno exercício de mandato, sem motivo algum. Por que fui candidato ao Senado e bati com força em meus adversários corruptos? Seria este o motivo? Então, venci.

Mas, além da queda, sempre vem o chute: a nenhuma outra aposentadoria tive acesso, senão àquela do Ministério do Trabalho. Nem a de jornalista (40 anos de batente) nem a de funcionário do Estado do Amazonas.

Moral da história: era preciso que todas essas coisas acontecessem. Do contrário, o que seria de mim?

OS INTRUSOS

Nosso velho cão e os gatos da casa, os últimos de uma estirpe doméstica que perdurou a bagatela de trinta e cinco anos, já se foram juntar-se aos outros, dezenas deles, todos sepultados ao longo da chácara modesta.

Tempos depois, no entanto, um simpático vira-latas de nome *Relampis* e uma gatinha malhada, apareceram por aqui, em horas diferentes, como se estivessem voltando de um giro em torno do quarteirão. Ainda chocados pelo triste passamento dos veteranos *Sultão* e *Chana*, nós tínhamos firmado o duro compromisso de repelir esses intrusos. E eles foram repelidos.

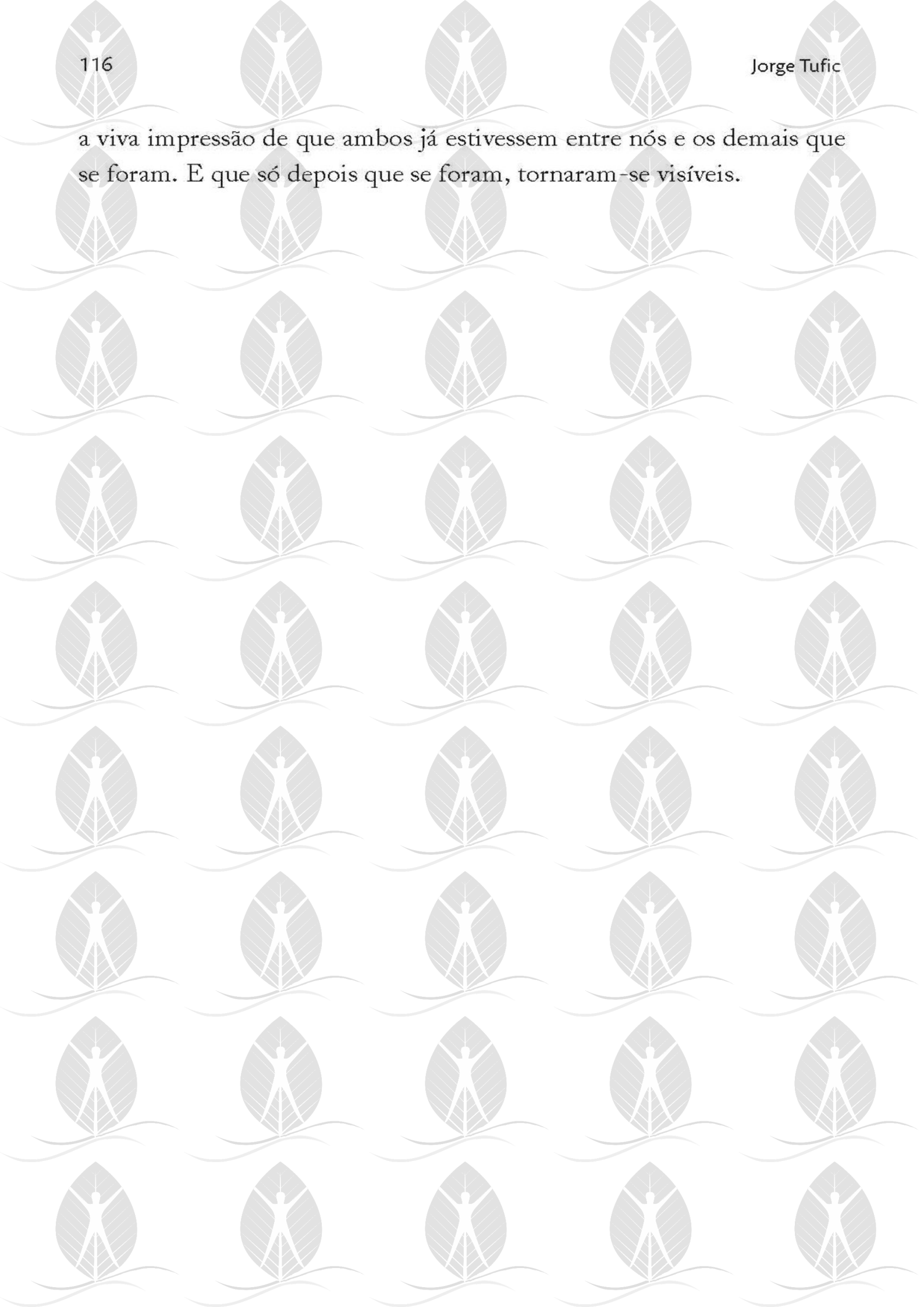
Mas, apesar de repelidos, voltam com frequência.

A gatinha já chegou a invadir o recinto da casa, entrando pelas janelas. *Relampis* fica a nos olhar fixamente, querendo dizer alguma coisa. A bichana, por sua vez, olha-nos e mia lamentosamente, como se trouxesse um recado impossível de ser transmitido.

Todas as portas e janelas são fechadas, agora, para que esses estranhos visitantes desistam de procurar nosso teto.

Nem por isso, meu Deus, eles pensam em desistir. Dão-nos, pelo contrário,

a viva impressão de que ambos já estivessem entre nós e os demais que se foram. E que só depois que se foram, tornaram-se visíveis.



OS MOMENTOS SUPREMOS

Nós somos definitivamente autores, consagrados ou não, de uma única obra. Não era sem razão, portanto, que os nossos bisonhos predecessores achavam que Aníbal Teófilo, autor de *A Cegonha*, já podia morrer depois deste soneto. Fato semelhante acontecera a Júlio Salusse, autor de um outro artefato poético do gênero, intitulado *Os Cisnes*. E o que seria *A Comédia Humana*, de Balzac, senão uma grande obra reunindo, numa única saga romanesca, toda a produção literária do famoso estilista de *Chat-qui-pelote*?

Rebrota o comentário a propósito, inclusive, daqueles outros, ficcionistas ou não, a quem faltara espaço e tempo necessários para a conclusão de seu projeto referente à literatura, nenhum deles tendo deixado uma prova, sequer, do talento que demonstravam como teóricos da arte que daria a um Júlio Dantas a versatilidade bem própria de sua época, nada ficando o cronista a dever ao fino teatrólogo de *A Ceia dos Cardeais*.

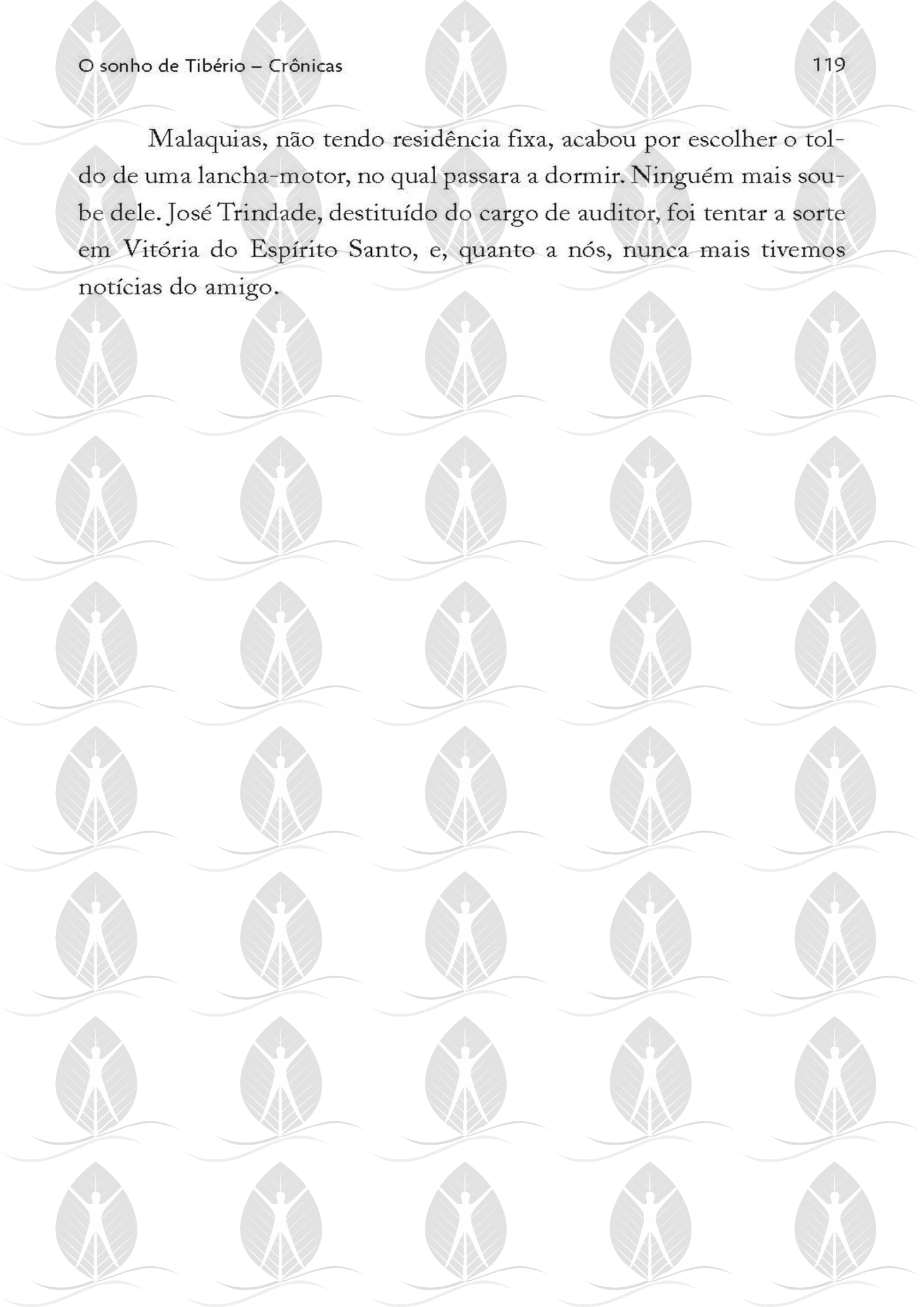
O Clube da Madrugada, em Manaus, foi, a nosso ver, a mais eclética forja cultural inspirada pelas mais variadas tendências, com o maior número possível de intelectuais e poetas capazes de

se estrear na literatura, como poucos o fizeram. Mas o CM não era só de literatura. Nas artes plásticas tivemos um Afrânio Castro, também poeta, falecido prematuramente antes de publicado. Hanneman Baccelar, muito mais novo que Afrânio, teria a má sorte de vergar ao peso cósmico dos “trópicos tristes”, cometendo suicídio. A galáxia madrugada, enfraquecida agora pela dispersão voluntária dos seus componentes, vai-se deste modo resumir-se naqueles raros que ainda restam de um encontro “histórico” de que jamais se tivera notícia.

Algumas outras personagens desse tempo, naquela obscura capital amazonense dos anos 50, teriam ficado também na memória de seus contemporâneos, não exatamente pela autoria de um romance, de um conto, a exemplo de *A Porta-Estandarte*, de Aníbal Machado, ou de um soneto-estalo, como podemos ainda mencionar Augusto dos Anjos, com *Vandalismo* ou Raul de Leoni, com *Eugenia*, mas, a rigor, no que elas foram dentro do real desempenho cotidiano de suas próprias vidas.

Temos, assim, as figuras lendárias de José Trindade, um dos fundadores do Clube, e a do filósofo Malaquias, de quem já tratamos numa crônica do *Tio José* (1975). Deixaram, quanto muito, a fama de seus atos públicos notoriamente rebeldes, e frases como esta do pensador da Praça do Ginásio: a senectude é como o sol do entardecer: ilumina, mas não aquece. Ou esta: não me façam vomitar dizendo “meus sonhos”. Ninguém é proprietário de sonhos. O dr. José Trindade foi mais longe, materializando no ato físico a ideia do fantástico. Na qualidade de auditor de guerra da Polícia Militar do Estado, envergara ele, num certo princípio de noite, a luxuosa farda nobre da Corporação, com espada e tudo, indo sentar-se a uma das mesas do Bar Moderno, ao lado do Cine Polyteama. E ali, erguendo-se apenas para ir ao banheiro, tomou o porre federal mais célebre da província.

Malaquias, não tendo residência fixa, acabou por escolher o toldo de uma lancha-motor, no qual passara a dormir. Ninguém mais soube dele. José Trindade, destituído do cargo de auditor, foi tentar a sorte em Vitória do Espírito Santo, e, quanto a nós, nunca mais tivemos notícias do amigo.



OSCAR WILDE

Oscar Wilde, revisto à distância e por cima de duas hecatombes mundiais, que nos deram a I e II etapas de um processo histórico onde o conceito de realidade não se fixa naquilo que é, mas naquilo que foi, segundo Karel Kosik, ainda hoje consegue fazer-se lido com a mesma atenção dos magistrados ingleses em tempo de julgá-lo e condená-lo para o cárcere de Reading, e porque não dizer, com a mesma fleugma de Frank Harris, ao juntar seus pedaços numa perfeita e consagrada biografia do escritor.

A imaginação descritiva e o poder quase miraculoso de encarnar, pela vivência, os mais dramáticos episódios de seus próprios romances e peças de teatro, fizeram dele, nas amarguras da prisão e nas longas audiências em que, na qualidade de réu, deixava de responder às perguntas que lhe faziam, um novo arquétipo de Jesus, chegando a escrever parábolas que desnudam o egoísmo dos homens. Seriam os prazeres do sexo a única recompensa daqueles que foram arrancados à cegueira física. O fascínio dos contrastes, como um dos ingredientes do simbolismo, atinge, nessas parábolas, aquele último sabor de um paraíso que há muito já

vinha se transferindo para a literatura, e desta para a explosão de todos os quadros, numa desesperada tentativa de substituir as aparências por um conteúdo mais denso de apelos exteriores.

Nas parábolas, pontos cruciais de sua vida, o paganismo se ocupa em armar as narrativas cristãs conforme as circunstâncias, ao lado de supostas revelações do segredo de Jesus. Ele conta, por exemplo, que José de Arimathéa, ao descer, à noite, do Monte Calvário, onde o Mestre expirara, viu sentado numa pedra branca um moço a chorar. E José se aproximou dele e disse:– Compreendo quão grande deve ser tua dor, porque aquele Homem era um justo”. Mas o moço replicou-lhe:–Oh, não é por isso que estou chorando. Choro porque também eu fiz milagres. Também dei vista aos cegos, curei paralíticos e fiz ressuscitar os mortos; também fiz secar a figueira estéril e transformei água em vinho... e, no entanto, eles não me crucificaram.

Falecido em 30 de novembro de 1900, o autor de *Salomé* permanece como a voz que soube elevar-se com independência, beleza e sabedoria, condenando a naturalidade pelo compromisso com a arte, desde que fora induzido ao excesso de viver com a certeza de que “todo o homem mata aquilo que ama”. Suas convicções desse estado generoso em que a natureza se reconstitui, não propriamente como modelo de alguma coisa, mas apenas como imitação daquilo que o artista cria, lhe deram, a todo custo, a alegria de conversar com os deuses; enquanto Dorian Gray, vivendo o “prazer que dura um instante”, transferia para seu retrato a “dor que é permanente”. (Excertos do artigo *De Oscar Wilde a Jim Jones*, publicado em *A Crítica*, Manaus, 7-12-1978).

OUTRAS LEMBRANÇAS

*R*eminiscências trazem de volta as dificuldades sofridas, é claro, sem deixar em branco os momentos favoráveis ao colóquio da família tradicional reunida em torno da mesa farta, em algumas ocasiões do ano.

Eu tenho como certo que estas fases – altos e baixos – já venham de longe. Daí porque, na doce voz de minha mãe, as amarguras de sua adolescência, no Líbano, não incluem nem a fome nem a discórdia, principalmente no lar, este recinto protegido pelos deuses. Assim, ao abrigo do teto sagrado, quaisquer grãos ou gravetos frios, ao receberem o calor afetivo, alimentavam e aqueciam até que as redes de pesca de meu avô materno, retornassem ao mar.

E o produto da pesca de meu avô era repartido na aldeia, por toda a aldeia.

II

Como explicar ao leitor os “fatos pares” que acontecem comigo? E como explicar o que são estes fatos – geralmente extremados, ou cujos meios-termos deixam de ser percebidos na mesma intensidade aplicada aos extremos?

Pois se trata de uma coisa, boa ou ruim, que já traz em seu bojo o poder de se repetir mais adiante, sob novos pretextos. Mas que não se repete, senão uma única vez.

III

Mistérios, mistérios. Possíveis como tais, enquanto alguns códigos do cérebro antigo se mantêm fechados.

PRACIFESTO LÍRICO

A palavra em direção a si mesma, ancestral e profética, raiada hoje como de um mar do futuro, a palavra que já passou por tudo, inclusive pelas constantes ameaças de substituição por outros meios, nem sempre vocálicos ou artísticos, de expressar um coágulo atravessado na garganta, essa palavra eu não troco por nenhuma outra arte cujos segredos e mistérios estão longe do meu alcance, pobre analfabeto que sou diante das teorias que estão mais para o capitalismo (ou imperialismo) da cultura, do que mesmo para a metáfora do verso.

É claro que, através da palavra atomizada, da página em branco, da cibernética ou de quantos processos mais agitaram os arredores da poesia e da literatura (divisão imposta pelo grande Ezra Pound), eu seja capaz de me inserir às audácias do concretismo (ao qual aderi abertamente nas décadas 50 e 60), ao poema-processo etc. Tanto posso acompanhar essas correntes e /ou movimentos da arte poética, como posso deixar algum rastro por conta de meu esforço ou de minha in/sensibilidade geométrica.

Contudo, informado ou não dos avanços ou retrocessos da poesia, uma coi-

sa sempre me alerta e impulsiona a ficar com a palavra: é a indigência de nossos suplementos na parte que toca à divulgação de poesia. Tudo bem que haja simplicidade, acoplagem de textos famosos, desprezo pela retórica parnasiana, mas nunca a falta de um mínimo de vocação literária.

Tudo apoiado nas barras de editoriais preocupados unicamente em não dar importância às críticas e sugestões que recebem, embora sujeitos, de tempos em tempos, ao escárnio dos leitores.

REFLEXÕES CATASTRÓFICAS

Que tipo de reflexão se pode fazer diante de um terremoto, na Índia, que vacila entre 20 a 100 mil mortos e 15 bilhões de dólares perdidos?

A que fica reduzida a angústia cósmica ou vital destes seres que somos, tão armados uns contra os outros, mas tão indefesos contra as potências absolutas da natureza?

Aflicção paralela deverá ter chegado aos ocos das estátuas de tantos reis, sábios e tiranos da História, até onde o pó desses abalos extremos ressoara, decerto, como a tocata final das esperanças humanas numa suposta imortalidade futura.

A reflexão, contudo, que dispõe da palavra, do raciocínio e da imaginação, não parece deter-se em face de obstáculos primários, sob os quais pereceram os dinossauros, sem falar aqui dos episódios bíblicos de Sodoma e Gomorra. A reflexão, esse dom miraculoso de partir do todo ou do nada para a idealização crítica de um mundo melhor, tem mais a ver com as chances de permanência do que mesmo com as adversidades impostas pelas circunstâncias.

Induz a isso, por outro lado, que ao homem fora dada inteligência capaz

de detectar e mapear os viveiros arcaicos do perigo, quer estejam no fundo dos oceanos, quer no aspecto de vulcões em atividade moderada ou vulcões adormecidos. A opção incorreta de edificar cidades ao longo da faixa vermelha deve-se, no caso, aos milenares apelos de uma fé sem limites em Deus, nos santos caseiros e na força dos laços comunitários.

Na Índia, país da levitação do homem em direção ao cosmo, onde tudo acontece de extraordinário, inclusive a matança coletiva em períodos de tantos e tantos anos, grandes intervenções dos fenômenos internos ou externos ao planeta podem significar um aviso ou um gesto benéfico do senhor Sri Krsna, longe da hipótese de uma resposta dos elementos naturais agredidos, de uma forma ou de outra, pela usura dominante.

Uma reflexão superior, até onde o vértice do triângulo se há de romper ao contato de uma luminosidade mais intensa, raramente se combina à temática vulgar das doutrinas filosóficas exauridas pelo orgasmo da lógica formal.

**TUDO
PARECE MAIS
FÁCIL**

*L*éio numa dessas revistas enquadradas como um vitorioso desdobramento da mídia, que determinada candidata a escritora, portanto sem nunca ter escrito algo parecido com um texto de ficção, ganha bolsa para escrever seu primeiro romance, do qual ela teria apresentado um trecho, ali reproduzido na entrevista com foto e destaque, só lhe faltando mesmo a promessa de uma campanha para que ela fosse agraciada com o Nobel de literatura.

Ora, eu sei. Ou não sei nada. Mas fico deveras atrapalhado em ver como estas coisas podem sair até de um pacote de incentivos à cultura, tão burocrático quanto nocivo à produção dita cultural para uns, e tão fácil para outros.

Na verdade, perdidos no catatau dos regulamentos e formulários da espécie, famosos pretendentes a uma bolsa, ou, com mais frequência, à publicação ou reedição de livros de sua autoria, por mais importantes que sejam, vão ter muito que esperar.

Me ocorrem, também, nomes de escritores que deixaram obras inéditas, a exemplo de Ernesto Pinho Filho, cujo romance intitulado *Saruçaua* eu vi nascer,

capítulo após capítulo, nas mesas do Bar Avenida, em Manaus. Luiz de Castro, cearense, jornalista de *A Crítica*, deixara, por sua vez, um calhamaço de sonetos verdadeiramente simples e encantadores. Teriam ficado em seu quarto de solteiro, com certeza alugado.

Dezenas de outros textos, ao que sei, apesar do mistério em que se envolvem, e da certeza de terem existido, jamais foram lembrados. Aducto Rocha forma nessa lista. Dentre vários contemporâneos; e nessa voragem naufragam, talvez, as mais altas contribuições para os estudos da sociedade, das letras e das artes num determinado período da história brasileira.

Enquanto isso, ora, parece até brincadeira.

UM OUTRO SONHO DE KUROSAWA

*P*ara onde leva esta rua?

Ela começa nas primeiras cirandas, termina afogada no espelho turvo de uma antiga lagoa, a dois quarteirões onde cercas de arame, vacas e nuvens distraídas se misturam com as roupas humildes ao longo da via férrea.

Seu começo pode estar também numa curva ilusória do rio Iaco, numa estrofe perdida de Vicente Huidobro, ou em certos desenhos da infância entre sapos, terrenos baldios, negras estacas em forma de cruz, plantadas com a música fria dos grilos. Tudo ao clarão indefeso das grandes enchentes de novembro e a sede vertical dos anúncios que loteiam paisagens.

Há momentos, porém, em que todas as ruas do mundo trazem seus realejos, carros de pipoca, circos, vistosos palhaços.

Entram e saem pelas duas fronteiras, e apenas são percebidas quando deixam seus ecos.

UMA CERTA ARAGEM

*E*m que ponto do universo eu me encontro agora? Com que forças me relaciono? A roupa que visto cai-me adequada, confortável e relaxante? Sinto-me em paz com os matizes oblíquos da luz e das aves que migram? Um forte cheiro de gazes que escapam da descarga de um caminhão, a presença dessa máquina e a curiosidade do motorista, por acaso me perturbam?

A temperatura ambiente torna-se amena. Com a brisa que passa, ela tende a ficar ameníssima. A maioria das perguntas que me fiz, certamente já não precisam de resposta. Essa calma dentro do mundo está dentro de mim. Paro, e contemplo. A mínima referência que sou, parece determinada. Há um sistema de coisas realmente insondável, mas que é forte demais e a todos subjugua, orienta, seleciona. Talvez uma escala onde múltiplas escalas e valores se entrelaçam.

A mim, no entanto, curiosa aparição de um momento solar, eu me concedo os graus destas horas da tarde. Estou debaixo de uma árvore cujos galhos tocaram, por um breve segundo, a finíssima auréola de um cometa perdido.

VARANDA DE PÁSSAROS: 50 ANOS

Valerá a pena trazer de volta o cenário e a época do lançamento de nosso livro de estreia na poesia? Sim, nos dizem os pracionos do Ferreira, desde que o evento já conte com a bagatela de cinquenta anos feitos e tenha deixado alguma semente, ou, no mínimo, alguma audácia ou avanço no ideário de um movimento cultural como fora, e continua sendo, o Clube da Madrugada.

Tudo na mosca. A partir daí, comeci a viagem em direção aos primeiros obstáculos à iniciativa de publicar a coletânea de meus cometimentos poéticos, àquela altura reduzida em menos da metade dos originais perdidos numa noitada boêmia. Coube, assim, ao nobre amigo e companheiro João Bosco Araújo o gesto de sobraçá-la e conduzi-la ao prelo, em 1956, após ano e meio das tentativas que fiz, sem nenhum sucesso. *Varanda de Pássaros*, este o título do livrinho, foi composto e impresso na gráfica de Sérgio Cardoso & Cia. Ltda.

Estivera presente ao ato oficial de seu lançamento, em Manaus, a grande maioria dos membros efetivos do Clube da Madrugada. O apresentador da obra foi o poeta Carlos Farias de Carvalho, ten-

do escrito e assinado as *orelhas* da mesma o admirável autor de *Poemeu*, Luiz Augusto de Lima Ruas, também ele um famoso crítico literário. Até hoje me surpreende a repercussão dessa estreia, de resto, a meu ver e sentir, oitenta por cento incompleta.

Mais, muito mais quando observo que *Varanda de Pássaros* é o único livro de minha autoria duas vezes reeditado: a segunda edição pelo Governo do Estado, em 1980, em homenagem ao prêmio que conquistei no Concurso Nacional para escolha da letra do Hino do Amazonas, e a terceira edição pela editora *Valer*, em 2004, ano do cinquentenário do Clube da Madrugada.

São coisas, leitor amigo, francamente ilógicas, transcendentais. A partir do momento em que, perdida para sempre, a *varanda* já tinha alguns de seus pássaros na voz de Farias de Carvalho, Jorge Carim, João Bosco Araújo, entre outros, dos quais me fora possível recolher esse tantinho de mim, porventura, quem sabe, a parte mais ingênua de toda a minha vida, dá mesmo o que pensar.

Principalmente quando o volume original, ligado a esse mesmo destino, reunia sonetos remanescentes de minhas fases parnasiana e simbolista.

VARIAÇÕES DO POÉTICO

1 - Ainda há pouco, manuseando as folhas de um álbum sentimental, pressenti que minhas mãos tocavam as cordas mais íntimas de um poema desconhecido. Esta música, no entanto, só se ouve com os dedos.

2 - A gente muda, não apenas ou necessariamente porque passa de uma idade para outra. As mudanças interiores, ligadas, em parte, às fases da vida, exercem também influência marcante sobre os indivíduos. E quanto mais sensíveis, pior. Como produto desse rito os casos, porém, variam de tamanho. Thornton Wilder: “Quando uma pessoa empunha uma picareta e descobre uma rua enterrada há quatro mil anos, uma rua que um dia foi movimentada e percorrida por muitos viajantes, essa pessoa nunca mais será a mesma”. O que há de humano nisto, que não seja poético?

3 - Mesmo reconhecendo a crueldade e os rancores do “homo sapiens”, aquele que ainda acredita na existência de um substrato de bondade, antes de tudo é poeta.

4 - Santo Agostinho descreu dos astrólogos ao descobrir que um rico proprietário e um pobre lavrador, nasceram no mesmo momento. Mas aquele que acredita de

verdade na escritura dos astros, argumenta que os dois nasceram em lugares diferentes. E se fossem gêmeos? Um deles teria nascido primeiro, e esse fato já diverge bastante na posição dos corpos celestes. Consta, entretanto, que enquanto a ciência discute com a fé, o poeta acende o cachimbo.

5 - Se Georg Cantor tivesse sido poeta, decerto não teria ficado louco: já o seria.

6 - Nunca pergunte a ninguém por que um pássaro canta e se veste de penas levíssimas. O canto e as penas nada explicam do pássaro.

7 - “A totalidade dos tempos” e o “universo contínuo” podem ser encontrados na obra de certos grandes poetas, cuja atualidade nunca se esgota.

8 - No corpo humano o primeiro órgão que nasce é o coração, que é também o último a morrer. O mesmo acontece com a poesia, corda afetiva que nasce antes das primeiras manifestações literárias, e tudo indica que será a última a morrer.

9 - Se há (ou se houve) um princípio gerador do Universo, a partícula mater que o detonou pode ser comparada ao estalo do poema. Daí porque só através da poesia – cuja “matéria” circula entre o caos e o cosmo, o eufórico e o disfórico – revela-se o desconhecido. Há, portanto, um denominador comum entre a ciência e a arte, posto que onde a ciência fracassa, começa a poesia, cujos primórdios se confundem com a religião.

10 - Em *O Homem que foi Quinta-feira*, Chesterton descreve uma brigada de polícia política especializada em poesia. Evitou-se um atentado porque a polícia compreendeu o sentido de um soneto.

11 - Viva a rosa em seu rosal (Federico Garcia Lorca).

AINDA O CLUBE

*A*pós vários encontros, deu-se a fundação. Simplesmente aconteceu.

Madrugada de 22 de novembro de 1954. Debaixo do velho mulateiro, quase em frente ao portão do quartel da Polícia Militar, na praça do Ginásio Amazonense ou Ginásio D. Pedro II. A boemia literária emocionava a juventude da época, e aos papos diários em redor do pavilhão “São Jorge”, do amigo Pina, apareciam, com regularidade, estudantes, professores, advogados, operários etc. O maior contingente de jovens parecia vocacionado para as ciências sociais, contábeis, econômicas, entre outras. Os artistas e poetas quase não se importavam com isso. Eles já tinham a sua própria Universidade. A Universidade da Vida, que ficava ali mesmo na República Livre do Pina, um delta que em 1965 receberia o nome de Gonçalves Dias, sem faltar a escultura do grande indianista, por Álvaro Páscoa.

Nessa fase primitiva do Clube, e por conta da boemia, sagravam-se os guapos Cavaleiros de Todas as Madrugadas do Universo, brindava-se ao luar com a taça das Valquírias, compunham-se versos nas lousas do Cemitério de São João

Batista, em pleno Boulevard Amazonas; fazia-se o circular do bonde a pé (segundo nos ensinara o poeta Paulo Monteiro de Lima), tudo isso numa só algazarra de festas e cantos heroicos (Marselhesa, Internacional, em primeiro lugar). Esgotou-se, portanto, o vinho de Hamlet, sorvido às pressas no crânio do Vivente Desconhecido. A partir daí, começam a surgir os grupos dentro do Grupo. Música, teatro, literatura, cinema, estudos sociais, história, amazonologia. Eclodia o Movimento Madrugada, iniciando-se a tentativa de demolição dos valores acadêmicos. Uma estética nova, legítimamente regional, esboçava-se, com certa hesitação, em nossa primeira revista: “Madrugada” 1, 1955. A seguir viriam as páginas literárias, palestras e debates orientados pelos companheiros Saul Benchimol, Francisco Batista e Jefferson Péres. Com a edição dos primeiros livros, programas de rádio, exposições de pintura e desenho, filmagens com roteiros cinematográficos etc., a mobilização atingiria o seu clímax por volta de 1967. A essa altura, e por falta, naturalmente, de oportunidade ao ingresso de novos clubistas, entre tantos espectadores interessados na causa, bate o refluxo.

Reduz-se o grupo dos abnegados plantonistas da aurora, o fogo olímpico decresce na pira da resistência. Ele mastiga os últimos clarões que lhe deram os primeiros gravetos da luta, mas não cede ao desmaio total.

As gerações que ficaram de fora, aí estão, sem terem muita coisa a dizer sobre o Clube da Madrugada. E os tantos outros que se fundaram por aí, com distinção para o de Brasília, o que resta deles?

Quando vou a Manaus fico a rever este cenário da praça, hoje tão diferente. Me assusta, porém, que todos nós ainda estejamos por ali, como à espera de alguém mais para o quórum de votação do anteprojeto dos estatutos. Sem dúvida, inúteis.

VELEJAR

Velejar não é só de barco à vela. Velejamos a nós, a partir da intenção que nos manda ir ao encontro da brisa vespéral, os pés no chão da província e a cabeça fazendo a vez daquele mastro que risca o azul de cada tarde, sempre diferente das outras.

Talvez porque tenha no sangue a vocação dos fenícios, que me fez aceitar um longo estágio na Capitania dos Portos do Amazonas, durante o qual embarquei na corveta *Angostura*, mas, sobretudo, pelas minhas viagens através de universos ignotos, em questão de segundos, apenas, quase todos os dias eu me resolvo a caminhar pelo centro de Fortaleza.

Porto, às vezes, máquinas fotográficas para registrar o flagelo que se aproveita do abandono das construções antigas, que acabam em ruínas antes mesmo que a História delas se aproxime. Sabe o leitor como um poeta se sente, ao ver-se claramente espelhado nas coisas peremptas, ainda que milhares de outros seres, também provisórios, já tenham passado por essa experiência.

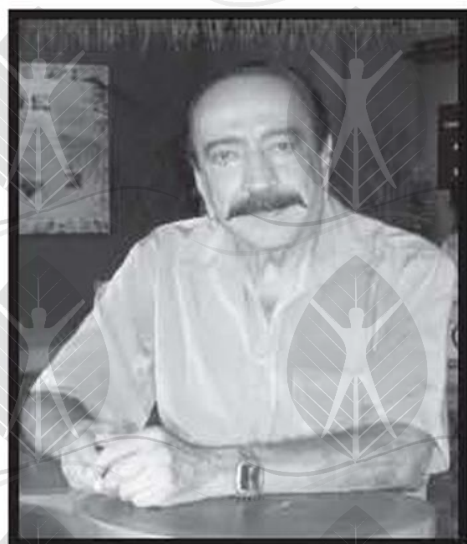
No mar, a vastidão das águas conduz o viajante rumo ao desconhecido, tenha ele, ou não, os mapas das ilhas e dos

continentes. Nós, contudo, já sabemos o que encontrar em nosso caminho urbano, salvo quando chove demais ou somos obrigados a deter os passos diante das enxurradas. Ou do trânsito louco.

Nas cidades, raramente deixamos de verificar que a praça tal e a rua tal continuam plantadas em seu lugar de origem. Ainda é um privilégio. Oceanos têm uma outra lógica, outros mistérios, profundamente insondáveis. E agora que o planeta começa a agitar-se, a perder sua camada de ozônio, a radiação constitui-se numa das piores ameaças para o equilíbrio das células nervosas.

Ninguém sabe ao certo quando, mas, sem dúvida, estamos indo em direção ao mais terrível desastre ambiental jamais descrito ou imaginado pelos cientistas do mundo. Neste caso, velejar ou navegar, já não será preciso. Aonde iríamos?

Biografia do autor



JORGE TUFIC

Jorge Tufic nasceu em Sena Madureira, Acre, a 13 de agosto de 1930. Viveu em Manaus durante 46 anos, saindo para morar em Fortaleza, em 10 de dezembro de 1991. É autor da letra do Hino do Amazonas, entre vários livros de poesia, ficção e ensaio, perfazendo os 50 títulos publicados. Pertence a várias entidades, entre as quais a Academia Amazonense de Letras, Academia Acreana de Letras e a Academia de Letras e Artes do Nordeste, sendo, além disso, detentor de inúmeros prêmios literários, com destaque ao “Curso de Arte Poética”, prêmio nacional da Academia Mineira de Letras para o ano de 2003. É Comendador da Ordem do Mérito Cultural do Estado do Amazonas, Cidadão Honorário de Fortaleza e colaborador do portal Cronópios da Internet. Foi objeto de uma primorosa reportagem do jornalista Jacques Menassa no jornal libânes Al Naher, já divulgado e traduzido para 80 idiomas.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA